



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

CHRISTIANE GLEICE BARBOSA DE FARIAS NASCIMENTO

**MULTIMODALIDADE EM NARRATIVAS DE RECONTO DE
HISTÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA CEGA**

Recife-PE

2015

CHRISTIANE GLEICE BARBOSA DE FARIAS NASCIMENTO

MULTIMODALIDADE EM NARRATIVAS DE RECONTO DE HISTÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA CEGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, na área de concentração *Teórica e Análise da Organização Linguística* e na linha de pesquisa *Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios de Linguagem em suas diversas manifestações*, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Renata Fonseca Lima da Fonte.

**Recife-PE
2015**

CHRISTIANE GLEICE BARBOSA DE FARIAS NASCIMENTO

**MULTIMODALIDADE EM NARRATIVAS DE RECONTO DE
HISTÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA CEGA**

Dissertação de mestrado à banca examinadora como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr^a. Renata Fonseca Lima da Fonte
(Orientadora- UNICAP)

Prof. Dr^a. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
(Examinadora Externa – UFPB)

Prof. Dr^a. Isabela Barbosa do Rêgo Barros
(Examinadora Interna – UNICAP)

**Recife – PE
2015**

Agradecimentos

A Deus por estar comigo nesta caminhada me ajudando a superar todos os obstáculos com fé e perseverança.

Aos meus pais Cicero e Socorro pelo amor, carinho, cuidados e incentivo. O meu amor e a minha sincera gratidão, pois sem vocês eu não estaria aqui.

Ao meu esposo Henrique pelo apoio e incentivo, por ter sido fiel companheiro na hora da tribulação, ao qual, com paciência, compreendeu minhas chatices, faltas e ausências cuidando com amor e carinho dos nossos filhos.

Aos meus filhos João Guilherme e Diego Henrique pela paciência e por contribuírem para que eu alcançasse esse objetivo, por suportarem as ausências, a saudade, mas sempre estavam ao meu lado nessa conquista.

À minha irmã Katiana por sempre me ajudar com o trabalho na escola quando precisava me ausentar e a também cuidar dos meus filhos como se fossem seus.

À minha irmã mais nova Kátia por sempre está junto do meu filho mais velho João Guilherme quando precisava ir para o Recife com Diego para quimioterapia e orientação.

À minha querida orientadora Renata da Fonte ao qual sempre me orientou com muita paciência e serenidade. Uma pessoa maravilhosa que sempre se mostrou sensível a diversas situações, me apoiando, me incentivando e me ajudando em muitos momentos difíceis. Jamais vou esquecer seus ensinamentos como pessoa e como profissional. Agradeço-te de coração.

Aos professores Isabela, Karl, Wanilda e Roberta por se mostrarem sempre preocupados com a recuperação do meu filho Diego e por me incentivarem a não desistir.

À Mariane Cavalcante, ao qual tive o prazer de conhecer e tê-la na minha banca, uma pessoa muito afetuosa.

À Janaína Bezerra por abarcar muitas vezes o meu trabalho na escola quando estava ausente e por me incentivar a seguir em frente. Muito obrigada!

À Sandra Mesquista por está ao meu lado com aquela alegria e fazendo parte mesmo indiretamente dessas conquistas.

A Alberto por ter me ajudado com o ELAN, na elaboração das histórias e figuras, pois estava sempre a disposição quando precisava tirar dúvidas com relação ao software.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como objeto de estudo a multimodalidade em narrativas de uma criança cega, contribuindo para entender que recursos multimodais são utilizados por essa criança para produzir sentidos em narrativas de histórias infantis, já que ela não dispõe do canal visual para representar e perceber alguns gestos. Desse modo, fundamentamo-nos na perspectiva de funcionamento multimodal da linguagem proposta por Kendon (1982), McNeill(2000), Cavalcante (2009), Ávila Nóbrega;Cavalcante (2012), Fonte (2009, 2011a, 2011b, 2011c,2012) e Fonte et al (2014) que concebem gesto e fala como sistema integrado de significação. Com base nessa perspectiva, temos como objetivo geral analisar os recursos multimodais em narrativas de reconto de histórias de uma criança cega e como objetivos específicos verificar os papéis dos recursos multimodais que a criança cega utiliza no reconto de histórias, identificar e descrever a fala, a prosódia e os gestos durante a narração das histórias. Para isso, realizamos um estudo observacional, de caráter qualitativo e do tipo estudo de caso, no qual participou uma criança cega com 9 anos de idade, que apresenta cegueira desde nascença e não possui patologias associadas a deficiência visual. Frequenta o Centro de Apoio pedagógico à Pessoa Visual (CAP) e a escola regular, cursando o 1º ano do fundamental I. Como procedimentos metodológicos, selecionamos três clássicos infantis da Disney: Chapeuzinho vermelho, Os três porquinhos e Branca de Neve. Esses contos clássicos foram apresentados em audiodescrição para a criança cega em seu ambiente domiciliar. As narrativas dos recontos das histórias foram filmadas e transcritas através do software *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN). Além disso, selecionamos como categorias de análise de dados os planos do envelope multimodal: verbal, prosódico e gestual, proposto por Ávila Nóbrega (2010) e Fonte (2011). Os resultados mostraram que, ao recontar as histórias, a criança cega assumia diferentes papéis, ora de narrador, ora de personagem. Essas narrativas foram mediadas pela multimodalidade da linguagem, caracterizada por variações prosódicas como: intensidade forte e fraca, duração, pausas, velocidade de fala; além disso, usou produções verbais, ou seja, a fala propriamente dita, contemplando a estrutura narrativa e ainda gestos variados incluindo gesticulações corporais caracterizadas pelos movimentos da cabeça, ombros, mãos e pernas que contribuíram para a construção de sentido dos recontos das histórias.

PALAVRAS-CHAVE: multimodalidade, narrativas; criança cega.

ABSTRACT

This research has the multimodality in narratives of a blind child as an object of study, contributing to the understanding of which multimodal resources are used by this child to produce meaning in narrating fairy tales, for the child does not make use of the sight to represent and perceive some gestures. Thus, we base our study in a perspective that conceives language as multimodal as proposed by Kendon (1982), McNeill (2000), Cavalcante (2009), Ávila-Nóbrega; Cavalcante (2012), Fonte (2009, 2011a, 2011b, 2011c, 2012) and Fonte et al (2014) comprehending that gesture and speech are an integrated system of meaning. Based on this perspective, our general aim is to analyze the multimodal resources used by a blind child in the recount of fairy tales and as our specific aims to verify the roles of such multimodal resources that the blind child makes use of in retelling the tales, and also to identify and describe the speech, prosody and gestures during the narration of the tales. For this, we carried out an observational, qualitative and case of study research, with a nine-year-old blind child, who is blind from birth but does not present pathologies associated to his/her blindness. The child goes to Centro de Apoio pedagógico à Pessoa Visual (CAP) and also to school, where he/she is at the first year of fundamental 1. For our methodology we chose three classic tales from Disney: Little Red Riding Hood, The three Little Pigs and Snow White. These three classic tales were presented to the child in audio description in the child's home. The narration and recount of the tales were recorded and transcribed with the software *Eudico Linguistic Annotator* (ELAN). Besides this, we selected as categories of analysis the elements in the multimodal envelope: verbal, prosodic and gestural proposed by Ávila-Nóbrega (2010) and Fonte (2011). Results show that while recounting the tales the blind child took over different roles, sometimes the narrator, sometimes the character. These narratives were mediated by the multimodality of language, characterized by prosodic variations such as: strong and weak intensity, duration, pauses, speech speed. Furthermore, the child used verbal productions, that is, the speech, contemplating not only the narrative structure but also varied gestures including body gesticulations characterized by head movements, shoulders, hands and legs that contributed to the construction of meaning in the recount of the tales.

KEYWORDS: multimodality; narratives; blind child.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. MULTIMODALIDADE E NARRATIVA	10
1.1 A relação entre gesto e fala na perspectiva da multimodalidade	10
1.1.1 Aspectos prosódicos: características e papéis	15
1.1.2 Narrativas orais: contribuições da multimodalidade	18
2. MULTIMODALIDADE E CEGUEIRA	25
2.1 Recursos multimodais na interação com criança cega	25
2.2 A linguagem multimodal da criança cega.....	28
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	31
3.1 Tipo de estudo.....	31
3.2 O sujeito.....	31
3.3 Elaboração do material para coleta de dados.....	32
3.4 Procedimentos de coleta e de transcrição dos dados.....	35
4. ANÁLISE E DICUSSÃO DOS DADOS	42
4.1 Cena 1: Reconto da história de Chapeuzinho Vermelho pela criança cega.....	42
4.2 Cena 2: Reconto da história Os três porquinhos pela criança cega.....	46
4.3 Cena 3: Reconto da história de Branca de Neve pela criança cega.....	49
4.4 Quadro-síntese dos resultados.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Diante de experiências como contadora de histórias para crianças videntes, o momento do reconto era rico em recursos multimodais, pois as crianças utilizavam gestos manuais, expressões corporais e faciais, como também variações de entonação e de volume vocal para representar os personagens da história de forma semelhante à contação ouvida e assistida. Diante disso, surgiu o interesse em pesquisar a multimodalidade em narrativas de reconto de histórias de uma criança cega, ou seja, as modalidades de representação da linguagem que a criança cega utiliza no reconto.

Este estudo partiu da perspectiva de funcionamento multimodal da linguagem, proposta por Kendon (1982), McNeill (2000), Cavalcante (2009), Ávila Nóbrega; Cavalcante (2012), Fonte (2009, 2011a, 2011b, 2011c, 2012) e Fonte et al (2014) que concebem gesto e fala como um sistema integrado de significação.

Para definir multimodalidade, Dionísio (2005, p. 161) refere a esse termo como combinações entre duas ou mais modalidades da linguagem. Entre elas, menciona combinações entre fala e gestos e considera que “as ações sociais são fenômenos multimodais”. Dessa forma, podemos perceber que a linguagem não envolve apenas a fala, mas também outros aspectos multimodais: o olhar, os gestos, o toque, a expressão facial, entre outros.

Para McNeill (1992), os gestos auxiliam a construir o pensamento do falante e reflete a sua representação imagística mental que é ativada no momento de falar. Nesse contexto, gestos e fala correspondem a uma representação simbólica, abrindo possibilidade para diversos significativos.

Ao estudar o funcionamento multimodal da linguagem na especificidade da cegueira, Fonte (2011, 2012, 2013, 2014) constatou que a criança cega realiza diversos gestos, como: táteis que corresponde ao toque, os gestos manuais que se refere ao apontar, pedir, dar tchau, chamar etc e os corporais que correspondem a expressões faciais e movimentos de partes distintas do corpo, sendo todos integrados à produção verbal em contextos interativos com a mãe. Os estudos mostraram a presença da matriz única entre gesto e fala na aquisição da linguagem, na qual o contínuo gestual está associado ao contínuo da fala.

Diante do nosso interesse de estudar os recursos multimodais em narrativas de uma criança cega, surgiu uma questão norteadora: diante da ausência da visão, que recursos multimodais a criança cega utiliza em narrativas de reconto de histórias?

Com base nesse questionamento foram levantadas as seguintes hipóteses:

- Produções verbais e gestos são recursos multimodais utilizados pela criança cega em narrativas de reconto de histórias.
- Variações prosódicas são recursos multimodais privilegiados utilizados pela criança cega para produzir sentidos no reconto de histórias.

Diante dessas hipóteses, este estudo teve como objetivo geral: analisar os recursos multimodais em narrativas de reconto de histórias de uma criança cega. E como objetivos específicos: verificar os papéis dos recursos multimodais que a criança cega utiliza no reconto de histórias, identificar e descrever a fala, a prosódia e os gestos durante a narração das histórias realizada pela criança cega.

A fim de facilitar o entendimento dos recursos multimodais utilizados pela criança cega em reconto de histórias, a organização deste trabalho foi distribuída em cinco momentos.

No primeiro momento, especificamente no capítulo I, discutiremos a relação entre gesto e fala na perspectiva da multimodalidade respaldando-nos em Kendon (1982, 2000), McNeill (2000), Cavalcante (2009), Ávila Nobrega; Cavalcante (2012) e Fonte et al (2014); refletiremos sobre as características e papéis dos aspectos prosódicos da fala, considerando as contribuições de alguns autores como: Cagliari (1992), Scarpa (1999) e Cavalcante (1999), e apresentaremos a estrutura das narrativas orais, abordando as contribuições da multimodalidade, com base em Perroni (1992), Amarilha (2012), Rezende (2011), Kail (2013) Coelho (2000) e Dohme (2010).

Já no segundo momento, ou seja, no capítulo II, abordaremos os recursos multimodais na interação com criança cega, trazendo contribuições dos estudos de Bueno e Martín (2003) e Fonte (2011). Em seguida, refletiremos sobre a linguagem multimodal da criança cega, considerando a gestualidade e os aspectos prosódicos da fala da criança cega, respaldando-nos principalmente nos estudos de Iverson e Goldin-Meadow (1997, 2001) e Fonte (2011, 2012, 2013).

No terceiro momento, iremos explicar os aspectos metodológicos como: o tipo de estudo, os critérios adotados para a seleção da criança participante do estudo, as etapas para elaboração do material para a coleta dos dados, assim como os procedimentos de coleta e de transcrição de dados. No quarto momento, analisaremos e discutiremos a análises dos dados com o intuito de compreender o uso da multimodalidade pela criança cega em narrativas de histórias.

No quinto momento, o das considerações finais, apresentaremos as nossas constatações acerca da questão norteadora que buscamos responder com este trabalho, de forma a identificar os recursos multimodais utilizados pela criança cega nas narrativas de histórias. Acreditamos que analisar os recursos multimodais possibilitará compreender os significados que a criança cega elabora durante o reconto.

Os resultados poderão apontar caminhos para a família e a escola investirem e incentivarem o uso de recursos multimodais em narrativas de histórias, promovendo um maior interesse, inclusão e participação de crianças cegas em situações de reconto de histórias.

CAPÍTULO I: MULTIMODALIDADE E NARRATIVA

Neste capítulo, focaremos na relação entre gesto e fala na perspectiva da multimodalidade a fim de compreender gesto e fala como matriz única da linguagem; nas discussões dos aspectos prosódicos, considerando suas características e seus papéis; e ainda nas narrativas orais, refletindo sobre contribuições da multimodalidade, apresentando a estrutura narrativa: introdução, enredo, clímax ou ponto culminante e desfecho, enfatizando a voz com suas marcações prosódicas na narrativa de história, um dos aspectos que analisaremos no nosso estudo.

1.1 A relação entre gesto e fala na perspectiva da multimodalidade

Considerando a matriz única entre gesto e fala, propomos refletir sobre multimodalidade e sobre a definição de fala e de gesto, de forma a compreender a articulação entre a linguagem oral e a gestual nas interações e, especificamente, em situações de contação de histórias, foco do nosso estudo.

A fala é definida como “forma de produção-discursiva com foco na comunicação e que envolve, além dos sons articulados e significativos, um conjunto de recursos, tais como: gestualidade, mímica, movimento do corpo etc.” (CARNEIRO, 2012, p. 249). Nesse contexto, podemos observar que durante a fala, outros recursos estão integrados, como as diversas manifestações dos gestos.

Corroborando essa ideia, Marcuschi (2003, p. 24) afirma que:

a fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos da modalidade oral e caracteriza-se pelo uso da língua em sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

Desse modo, a fala tem um sentido significativo não só na modalidade oral, mas em outras formas de expressão como o gestual, o corporal e o facial.

Ao definir gesto, McNeill (2000, p. 1) afirma que gesto é um termo que necessita de explicação, uma vez que não temos gesto no singular, mas gestos. O autor afirma que prefere gestos no plural, porque por diversas vezes utilizamos vários tipos de gestos ao longo do dia.

Neste estudo discutiremos gesto e fala na perspectiva da multimodalidade, na qual gesto e fala são indissociáveis, isto é, estão integrados em uma mesma matriz de produção e de significação, conforme afirma McNeill (1985). Desse modo, gesto e fala estão interligados para a produção de sentido do discurso.

A multimodalidade, segundo Dionísio (2005), envolve combinações entre duas ou mais modalidades de representação da linguagem. De acordo com a autora ao falamos, usamos no mínimo duas modalidades de representação: palavras e gestos, palavras e entonações. Logo, o funcionamento da linguagem é multimodal, conforme afirma Fonte (2011).

Portanto na perspectiva da multimodalidade, se o gesto expressa o mesmo sentido da fala, pode facilitar a compreensão (GOLDIN-MEADOW, 2000). Diante disso, McNeill (2000, p. 7) afirma que “em geral, a fala e os gestos podem expressar conjuntamente o mesmo significado central e destaca diferentes aspectos do mesmo. Fala e gesto apresentam juntos uma versão mais completa do significado do que qualquer outra forma de linguagem”.¹

Ávila Nobrega e Cavalcante (2012) propuseram a adoção da noção de envelope multimodal para estudar a aquisição da linguagem, que compreende a mescla de três componentes da dialogia: o olhar, os gestos e a produção vocal na relação entre mãe-filho em seu ambiente natural. Para isso, os autores tomaram como base a noção de multimodalidade proposta por McNeill (1985).

Nesse contexto, o envelope multimodal apresenta elementos de uma cena interativa em que a multimodalidade está presente, ou seja, a interação entre mãe e filho acontece por meio do olhar, do gesto e da produção vocal concomitantes.

Para diferenciar os movimentos chamados de gestos, McNeill (2000) retoma a classificação dos quatro tipos de gestos propostos no contínuo de Kendon (1982), conforme quadro a seguir:

¹ In general, speech and gesture can jointly express the same core meaning and highlight different aspects of it. Together speech and gesture present a more complete version of the meaning than either accomplishes on its own.

	Gesticulação	Pantomima	Gesto emblemático	Língua de sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória da fala	Ausência da fala	Presença opcional de fala	Ausência obrigatória de fala
Contínuo 2	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentado e sintético	Segmentada e analítica

QUADRO I: Tipologia gestual (contínuo de Kendon, 1982)

Em relação à tipologia gestual proposta por Kendon (1982) e retomada por McNeill (2000), focaremos nossa discussão na gesticulação, na pantomima e no gesto emblemático, pois a língua de sinais não será analisada porque a criança participante não apresenta comprometimento auditivo e sim visual.

A gesticulação acompanha a fala, não é convencional, é considerada global e sintética na maneira de expressar, e não possui propriedades linguísticas (MCNEILL, 2000). Dessa forma, não possui regras linguísticas, uma vez que sua manifestação depende de como cada falante irá se expressar.

Segundo Fonte (2011), as gesticulações podem ser caracterizadas por movimentos de partes do corpo, como cabeça, braço, pernas, ou seja, por quaisquer movimentos corporais associados à fala.

Cavalcante e Brandão (2012) defendem que a gesticulação acompanha a produção vocal do bebê, fazendo parte de uma mesma matriz cognitiva junto com a fala. As autoras destacam que a gesticulação possui papel relevante na fluência da produção verbal.

Cavalcante (2012) e Fonte et al (2014) consideram que a gesticulação apresenta uma relação direta com o fluxo da fala. Nos meses iniciais da vida do bebê, a gesticulação é pequena e desordenada, pois inicialmente a vocalização da criança ainda é bastante restrita e simplificada. Ao adquirir novas expressões verbais, Fonte et al (2014) observam que as gesticulações passam a ser caracterizadas por movimentos corporais mais organizados e estruturados.

Diante disso a maturação biológica da criança e as interações por elas vivenciadas contribuem para novas aquisições verbais e gestuais, possibilitando uma linguagem mais estruturada.

Em relação à gesticulação, tipologia gestual proposta por Kendon (1982) e retomada por McNeill (2000), Fonte et al (2014) observam que a gesticulação funciona como um alicerce para a produção de outros tipos de gestos, como os pantomímicos e os emblemáticos.

De acordo com McNeill (2000), a pantomima geralmente significa um gesto significativo sem produção verbal, ou seja, uma representação muda. É um movimento muitas vezes complexo e sequencial, que ocorre na ausência da fala e não contém propriedades linguísticas.

Em relação aos gestos emblemáticos, segundo McNeill (2000), ocorrem na presença ou na ausência da fala e são parcialmente convencionais, uma vez que são construídos culturalmente. Em relação a esse gesto, Fonte (2011) observa que o apontar tem papel de destaque em cenas de atenção conjunta, contribuindo para o processo de referenciação.

Ao analisar as primeiras interações entre mãe e bebê, Cavalcante (2009) constata a presença dos gestos emblemáticos no gênero contação de histórias. Nesse contexto, a criança convida a mãe a partilhar da leitura do livro através do gesto do apontar, ou seja, do gesto emblemático para referenciar a página do livro, seguido da vocalização.

Cavalcante (2012) afirma que o gesto do apontar é um dos gestos emblemáticos principais na aquisição da linguagem. Esse tipo de gesto vai mostrando configurações mais eficazes considerando o desenvolvimento sensorio motor da criança e as suas interações.

Pereira (2010) traz contribuições importantes também sobre os tipos de gestos corporais e as características e funções de cada um na interação, conforme mostra o quadro II.

Gesto	Características
Movimentos da cabeça	Os movimentos da cabeça são importantes indicadores em uma interação. Apesar de serem rápidos, são considerados sinais não verbais na produção de significados. Os movimentos da cabeça são entendidos por quem fala e por quem ouve, possibilitando assim um papel imprescindível na comunicação e na continuação da fala.
Olhar	O olhar transmite uma série de atitudes que podem ser totalmente compreendidas. Em um olhar existem fatores que podem enviar mensagens sobre a relação entre duas ou mais pessoas.
Movimentos manuais	Os movimentos manuais que fazemos quando falamos são bem significativos, pois são fortemente interligados com a nossa fala, no tempo, na produção de sentido e na função.
Postura do corpo	As posturas do corpo são aspectos importantes da comunicação não verbal, pois transmite os modos através dos movimentos. Temos que considerar que em todas as culturas existem modos de ficar deitado, em pé, sentado, isto é, posturas diversificadas, como também posturas que indicam ação, condição social etc.
Movimentos do corpo	Os movimentos do corpo estão relacionados com a situação, o ambiente e a cultura.
Expressão facial	O rosto é o canal privilegiado de expressar as emoções. Os movimentos faciais podem ser expressados de acordo com a situação ao qual nos encontramos.

QUADRO II – Tipos de gestos corporais - Fonte: Adaptado de Pereira (2010, p. 33).

Com base no quadro apresentado, entende-se que a linguagem não verbal, caracterizada pelo olhar, pela expressão facial, pelos movimentos da cabeça, manuais e corporais, apresenta significações variadas. A significação da linguagem gestual depende do contexto interativo e cultural.

Como vimos, a relação entre gesto e fala é considerada importante na perspectiva da multimodalidade. A integração dessas duas modalidades de linguagem pode ser utilizada como um elemento para produzir sentido nas narrativas orais. Neste trabalho, a análise da relação gesto e fala será embasada na classificação proposta por Kendon (1982): gesticulação, pantomima e gesto emblemático.

A seguir focaremos nos parâmetros prosódicos da produção da fala enquanto recursos multimodais utilizados pela criança e refletiremos sobre suas diferentes funções na interação.

1.1.1 Aspectos prosódicos: características e papéis

No processo interativo, a fala está integrada a diferentes elementos como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, conforme observa Marcuschi (2003).

Segundo Scarpa (1999), a prosódia engloba os seguintes parâmetros: duração, intensidade ou volume, altura, velocidade de fala e pausa, que são responsáveis pelos subsistemas de ritmo, tom e entonação.

A **duração** está relacionada à organização do tempo em que a língua faz das vogais e consoantes ou, de modo abrangente, das sílabas de uma palavra, ou seja, apresenta sempre sistematizada em todas as línguas independente dos segmentos. (CAVALCANTE 1999; CAGLIARI 1992).

A duração referente às questões fonológicas constitui alongamento ou encurtamentos de segmentos. Dessa forma a duração pode ser medida quando se leva em consideração as durações dos segmentos. (CAGLIARI, 1992). O alongamento é uma duração maior de um segmento da fala que pode ocorrer em vogais e em algumas consoantes. Este parâmetro prosódico relaciona-se às modificações de curvas melódicas, ênfases e à fluência da fala. (GAYOTTO, 1997).

A **Intensidade** ou **volume** é o aspecto prosódico caracterizado pela percepção do ouvinte relacionado à maior ou menor energia com que seu interlocutor produz uma sílaba ou várias sílabas (CAVALCANTE, 1999). Segundo Cagliari (1992), esse parâmetro prosódico é caracterizado pela forma de falar do falante, ou seja, falar alto pode constituir uma atitude autoritária e falar baixo uma atitude de persuasão, timidez ou respeito. Além disso, o volume da voz pode se adequar ao contexto e ao distanciamento que o falante se encontra em relação ao seu interlocutor.

Cavalcante (1999) observou que a **altura** é o parâmetro prosódico que mais se relaciona com a entonação, uma vez que constitui variações de voz dentro de uma pauta de frequência mínima e máxima.

Com relação à **velocidade de fala** Cavalcante (1999) caracteriza como efeitos físicos causados na produção da fala, ou seja, acelera-se para atingir uma velocidade normal e, no final da frase apresenta uma desaceleração.

A **pausa** pode apresentar dois tipos: preenchida (como no caso de hesitações) e não preenchida (no caso do silêncio), isto é, tem a função de segmentação da fala, podendo ocorrer depois de frases, palavras, sintagmas, podendo também ser utilizada depois de sílabas, por isto, pode ocorrer também depois de frases, sintagmas, palavras e até pode ser usada depois de sílabas quando se “silaba” uma palavra. (CAVALCANTE, 1999; CAGLIARI, 1992).

Em relação aos subsistemas de ritmo, tom e entonação, Cavalcante (1999) caracteriza que há duas visões relacionadas ao **ritmo**, uma temporal que considera o ritmo uma periodicidade caracterizada pela recorrência de um evento em períodos regulares e a isocronia que é considerada quando a duração dos períodos de tempo é igual. A visão não temporal considera o ritmo algo criado pela mente de quem ouve, que envolve a percepção de “uma série de impressões como um todo e não como uma sucessão de eventos não relacionados” (p. 36). Para Cagliari (1992), o ritmo marca as unidades de duração, ou seja, as que apresentam duração maior que as sílabas através da entonação e dos grupos tonais.

Cavalcante (1999) caracteriza **entonação** como termo genérico que envolve tom, altura e contorno. **Tom** é considerado o correlato fonológico da altura, ou seja, nas línguas tonais e servindo para caracterizar os itens lexicais. O contorno é caracterizado pelo formato, ou seja, constitui a configuração quase visual do enunciado.

A qualidade de voz é caracterizada pela propriedade fonética particular de cada sujeito, ou seja, é considerada um aspecto importante para se identificar a pessoa do falante. Os usos da qualidade da voz constituem classes de pessoas ou ocorrem em situações especiais. (CAGLIARI, 1999).

Com base nos parâmetros prosódicos descritos, nesta dissertação analisaremos a velocidade de fala, a intensidade vocal e as qualidades vocais nas narrativas das histórias recontadas pela criança cega.

Em relação aos papéis da prosódia na interação mãe-criança, Fonte (2011) destaca que a prosódia pode funcionar enquanto: pista afetiva; recurso para atrair ou manter a atenção do interlocutor e via privilegiada de inserção da criança na língua, com base na perspectiva de Scarpa (1991; 1999) e nos estudos de Fernald; Simon (1984);

Fernald et al. (1989); Fernald; Mazzie (1991); Fernald (1992a, 1992b, 1993) e Cavalcante (1999).

Fonte (2011) observa que a prosódia pode funcionar como pista afetiva, já que a fala materna com suas modulações prosódicas carrega efeitos significativos vinculados a emoções, ou seja, a prosódia tem relação com a afetividade.

Wolff (1969 apud Locke, 1997) contribuiu aos estudos sobre prosódia ao observar que a vocalização emitida pelos bebês transmite afeto desde o início de sua vida. Nesse contexto os que estão sentindo dor emitem sons diferentes dos que estão com raiva.

Dessa forma, de acordo com o contexto afetivo (raiva, alegria, tristeza) produzem sons diferentes, que refletem nas variações de frequência, duração, intensidade, pausa, velocidade e ritmo, ou seja, nos elementos prosódicos utilizados pelo bebê como forma de comunicar o que está sentindo.

Cavalcante (1999) destaca que os aspectos prosódicos são carregados de significados expressando a marca do estilo discursivo a que se refere, dessa forma exerce um papel importante com relação aos próprios fatores segmentais na distinção de diferentes formas discursivas.

Considerando o papel da prosódia de atrair ou chamar a atenção da criança e de contexto afetivo de aprovação, Cavalcante (1999) observa que a mãe modula sua voz através do falsetto, ou seja, usa uma voz mais agudizada como forma de chamar a atenção da criança, ou para dar aprovação a algum ato realizado por ela.

Em relação ao papel da prosódia enquanto recurso para atrair ou manter a atenção do interlocutor, Fonte (2011) considera que os aspectos prosódicos são vias de sustentação do funcionamento da atenção conjunta, conforme mostram seus dados interativos entre mãe e criança cega, que serão discutidos no capítulo II desta dissertação.

Alguns trabalhos como Scarpa (1999), Scarpa e Fernandes- Svartman (2012) bem como Cavalcante (1999), contribuíram ao estudo da prosódia enquanto via de inserir a criança na linguagem.

De acordo com Scarpa (1999), a prosódia é considerada uma forma privilegiada de interação do infante no diálogo, ou seja, os parâmetros prosódicos como a entoação, a velocidade de fala, intensidade, duração e ritmo relacionados à fala são recursos linguísticos privilegiados na interação entre as crianças. Dessa forma Scarpa e Fernandes- Svartman (2012) observaram que além de favorecer a interação a prosódia

serve como elo entre aspectos discursivos e estruturais/gramaticais na aquisição da linguagem.

Scarpa (1999, p. 17) afirma que:

a prosódia tem dupla ou melhor, múltipla – face e, como tal, exerce um papel importante na aquisição da linguagem e é a via privilegiada de engajamento da criança no diálogo e, ao mesmo tempo, é o veículo primeiro da organização das formas linguísticas, sobretudo, através da construção dos sistemas de ritmo e entonação.

Nesse contexto a prosódia exerce papéis importantes na interação, sendo considerada via de acesso à criança no diálogo e de organização das formas linguísticas mais complexas.

Com base ainda nos estudos de Scarpa (1999, p. 17) “ a prosódia estabelece, assim a ponte inicial entre a organização formal e o potencial significativo e discurso da língua nos primeiros anos de vida: é a possibilidade primeira de estruturação ligando o som ao sentido.

Nesta seção destacamos os papéis da prosódia, considerando que a prosódia é um recurso multimodal e está presente na interação assumindo papéis diferenciados. Desse modo, os parâmetros prosódicos, que podem ser utilizados em narrativas orais, representam um papel significativo na produção de sentidos do discurso narrativo. No próximo tópico, retomaremos os aspectos prosódicos, considerando o contexto das narrativas.

Dessa forma, iremos apresentar os elementos principais que relacionam à narrativa e as contribuições da multimodalidade no reconto de histórias.

1.1.2 Narrativas orais: contribuições da multimodalidade

O ato de narrar um reconto pode ser caracterizado como uma atividade realizada a partir de outra produção, pois todo texto narrado apresenta uma sequência de fatos e características multimodais que a criança poderá utilizar ao recontar uma história. Assim, neste tópico iremos apresentar os elementos principais que relacionam à narrativa e as contribuições da multimodalidade no reconto de histórias.

Para Perroni (1992, p. 19) “narrativa é a recapitulação de experiências na mesma ordem dos eventos originais”, isto é, recordar uma sequência verbal dos fatos que

efetivamente ocorreram. A criança ao narrar uma história relata os fatos que ocorreram de forma estrutural, ou seja, com princípio, meio e fim.

Amarilha (2012, p. 19) destaca que “a narrativa propõe uma sequência de fatos conexos, como se as causas sempre resultassem em consequências, e os enredos do destino humano ali representados, sempre tivessem fim”, ou seja, é nesse jogo, nessa expectativa que será possível perceber o sentido dos fatos na narrativa, pois esta estrutura reflete no interlocutor do ponto de vista emotivo e cognitivo.

O ser humano é considerado um ser comunicativo, pois “em qualquer fase da evolução da humanidade, sempre buscou formas de se comunicar.” (REZENDE, 2011, p. 24). As diferentes formas de linguagem evidencia a presença da multimodalidade, que pode ser mediada pela fala com seus aspectos prosódicos e pela gestualidade. Desse modo, ao narrar a criança expressa de forma multimodal uma sequências de fatos.

Kail (2013) observa que desde os primeiros anos de vida da criança já é possível perceber a presença da narrativa, mas sua construção e desenvolvimento dependem da intervenção do adulto. Com as perguntas do outro a criança consegue elaborar as primeiras construções da narrativa. A autora afirma que “esse caminho implica frequentemente a intervenção do adulto, para que o discurso produzido comporte os parâmetros espaciais e temporais da situação evocada” (p. 89).

Ao narrar histórias, a criança precisa apresentar coerência no seu discurso narrativo, considerando a sequência e o acontecimento dos fatos. Segundo Kail (2013), a produção de um discurso narrativo implica pôr em ação duas capacidades principais: em primeiro lugar, saber utilizar a linguagem de modo descontextualizado, ou seja pode evocar personagens não necessariamente presentes no espaço e no tempo da situação imediata de enunciação; em segundo lugar, saber marcar as relações entre os enunciados sucessivos. Desse modo, a criança já consegue identificar na narrativa quem são os personagens, o que ocorre na história, produzindo sentido e coerência ao narrar.

De acordo com Kail (2013, p. 90) “ para ser coerente, o relato implica a construção de um esquema narrativo”. Nesse contexto este esquema narrativo envolve a estrutura: início, meio e fim da história ao qual a criança terá que narrar de acordo com os fatos ocorridos na história.

Em relação à estrutura da narrativa, Coelho (1999) e Dohme (2010) observam quatro elementos essenciais: introdução, enredo, clímax² ou ponto culminante³ e desfecho.

A introdução é a parte inicial e preparatória, que tem por objetivo localizar o enredo da história no tempo e no espaço, assim como apresentar os principais personagens e caracterizá-los. O Enredo é a sucessão dos episódios, apresenta os conflitos que surgem e a ação dos personagens. O clímax ou ponto culminante surge como uma sequência natural dos fatos da narrativa, no entanto os episódios devem ser apresentados em uma sequência bem ordenada, mantendo-se a expectativa até alcançar o objetivo. Após o clímax ou ponto culminante, chega-se ao desfecho da narrativa, que acontece quando a história atingiu o ponto culminante, restando apenas concluí-la (COELHO, 1999; DOHME, 2010).

Com base na estrutura da narrativa, percebemos que cada um de seus elementos tem uma função específica, garantindo uma sequência organizada do discurso narrativo, que é apresentado de forma multimodal pelas crianças.

A história não acaba quando chega no fim, pois ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora. A autora afirma que “a história funciona então como agente desencadeador de criatividade, inspirando cada pessoa a manifestar-se, expressivamente, de acordo com sua preferência.” (COELHO, 1999, p.45). Nesse contexto, após ouvir a história a criança pode utilizar-se dos recursos multimodais, como a voz, os gestos, a fala, o olhar para recontar a história que ouviu.

Perroni (1992, p. 72) também afirma que:

A necessidade de considerar as narrativas tipo histórias neste estudo da aquisição da linguagem se deve ao papel especialmente significativo que elas assumem na aquisição da estrutura do discurso narrativo. Seu valor enquanto macroestruturas narrativas pode ser visto principalmente na fase entre 3 e 4 anos de idade das crianças-sujeito, através da observação dos meios pelos quais narrativas foram construídas.

Com base na afirmação de Perroni (1992), realçamos os gestos, a voz, as expressões corporais e faciais enquanto meios que podem ser utilizados na construção das narrativas. Logo, os recursos multimodais estão presentes nas narrativas em situações de conto e reconto de histórias.

² Termo utilizado por Coelho (1999).

³ Termo utilizado por Dohme (2010).

De acordo com Perroni (1999), na construção das estruturas narrativas são identificadas marcas linguísticas utilizadas com mais frequência no enredo como: *Era uma vez*, *Um certo dia*, *Um belo dia*, *Viveram felizes para sempre*. Além dessas marcas linguísticas, a prosódia é um elemento importante no desenvolvimento da narrativa.

Coelho (2000) destaca que o ato de contar continua presente no enredo da narrativa ao utilizar expressões como “Era uma vez...” “Um certo dia...” “Conta-se...”, etc.. Esse recurso tem dois sentidos: um de criar um gancho, ou seja, uma expectativa para o que vai ser narrado e ouvido e outro prender a atenção do ouvinte.

Dohme (2013, p. 21) acrescenta que

os contos de fadas acontecem em tempo e lugares indiscriminados, longínquos, onde se pode ir e voltar sem qualquer compromisso. Assim, as histórias sempre iniciam com um cordial e descomprometedor convite: Era uma vez... Um certo dia... No tempo das fadas... Em um reinado bem distante.

Dessa forma ao ouvir e recontar histórias a criança pode utilizar essas expressões para atrair a atenção do leitor, ou seja, para manter o foco narrativo.

Dohme (2013) considera que as histórias de fadas refletem no emocional da criança, contribuindo em ajudá-la a tomar decisões para que seja autônoma, em acomodar os seus sentimentos de ambivalência e lhe dando esperança de que tudo poderá conduzir a um final feliz.

Ao analisar a contação da história de Chapeuzinho Vermelho, Dohme (2013, p. 20) destaca um trecho:

E o que acontece? Ele engole a vovó e, em algumas versões, a Chapeuzinho também. O que os olhos dos adultos poderia ser uma violência, aos olhos da criança e confortante: o medo agiu exatamente como a história prometia, seus temores se concretizaram. E, para que esta história seja perfeita para contribuir com a estabilidade emocional da criança em relação ao medo, no final aparece o Caçador, ele abre a barriga do Lobo e de lá sai Chapeuzinho Vermelho intacta e feliz.

Nesse contexto, mostra a criança que mesmo que os terríveis males aconteçam o enredo pode terminar bem, lhe dando esperança e simultaneamente segurança.

Em relação à voz, Dohme (2010) destaca alguns elementos importantes que o narrador deve preocupar-se para a clareza da narração, como: a dicção, o volume, a velocidade e a tonalidade da voz.

Segundo a autora, é importante apresentar uma boa dicção para que as palavras sejam pronunciadas adequadamente, caso contrário a mensagem é recebida de forma truncada, porque a não compreensão de uma palavra pode levar a incompreensão de

toda a frase, e não entender uma frase pode prejudicar o entendimento de toda história (DOHME, 2010).

O volume também precisa ser adequado para uma boa clareza da mensagem, pois quando a narração é feita em voz muito baixa compromete a sua compreensão, principalmente quando o narrador mantém certa distância do ouvinte. Além do volume vocal apropriado como os movimentos dos lábios, as expressões faciais do narrador podem contribuir para complementar a compreensão da história contada (DOHME, 2010).

A velocidade pode ser medida pelo número de palavras que uma pessoa pronuncia em um espaço de tempo determinado. Combinando-se as diversas variações de velocidade e volume podem-se conseguir efeitos interessantes. Modular a voz entre o baixo (limitado a um volume que todas as pessoas possam entender) e o alto (sem exageros, é claro) e variar a velocidade dá o colorido à narrativa e tira a monotonia. A fala monocórdica, sempre na mesma cadência e ritmo é um dos principais fatores de desinteresse, principalmente em se tratando de narrativas de histórias infantis (DOHME, 2010).

Em relação à tonalidade da voz, pode-se dizer que vozes graves e agudas envolvem características individuais, pois cada pessoa tem seus registros vocais próprios, mas podem alcançar tons abaixo ou acima desse registro. Desse modo, é possível narrar com vozes mais graves ou mais agudas (DOHME, 2010).

A voz, com suas características prosódicas, é considerada um aspecto multimodal bastante relevante nas narrativas, pois é o veículo usado para relatar os acontecimentos da história.

Nesse contexto, podemos perceber que a prosódia é considerada um recurso fundamental no discurso narrativo, pois a criança ao narrar ora exerce a função de narrador, ora exerce a função de personagem. A mudança desses papéis pode ser identificada pelas variações prosódicas da fala da criança.

Coelho (1999) em seus estudos também propõe dois recursos importantes que podem ser utilizadas na narrativa de histórias, das quais destaca: dramatização e a pantomima.

Na dramatização cada participante representa um determinado papel, vivenciando as situações do personagem escolhido. (COELHO, 1999). Nesse contexto, mesmo sem caracterização ou vestuário, as crianças podem utilizar recursos multimodais como a fala, a expressão corporal e os gestos.

Dohme (2013, p. 36) destaca que “a narração pode ser acompanhada de expressões, de uma careta, um olhar apaixonado, uma cara de indagação”. Com base na afirmativa de Dohme (2013) as expressões faciais juntamente com os gestos ajudam, dão ênfase, prendem a atenção do ouvinte.

Pantomima envolve uma simulação de ações ou representação de personagens da história, na qual as crianças utilizam a expressão corporal como recurso multimodal sem utilizar a voz, isto é, vão reproduzir trechos do enredo ou ações do personagem através dos gestos, expressões corporais, faciais, etc, (COELHO, 1999). Dohme (2010) acrescenta que esse tipo de imitação é considerado um instrumento de grande utilidade se tratando de narração de histórias infantis. A autora exemplifica, que ao representar um monstro, cujo corpo é truculento, é possível imitá-lo com pernas afastadas e dobradas. Outros recursos multimodais importantes na narrativa, como por exemplo, as gestualidades corporais e faciais são também importantes nas narrativas de histórias. Dohme (2010, p. 45) destaca a importância desses recursos multimodais que devem acompanhar a fala, conforme afirmação:

a expressão corporal deve acompanhar o que está sendo descrito. Todo corpo fala: a posição do tronco, os braços, as mãos, os dedos, a postura dos ombros, o balanço da cabeça, as contrações faciais e a expressão dos olhos. Os gestos devem estar coerentes com a narração, usados para reforçá-la. A comunicação do semblante transmite as emoções do nosso interior através da expressão do rosto. Tristeza, alegria, surpresa, espanto... A expressão facial poderá falar mais do que muitas palavras.

A citação acima corrobora os estudos de McNeill (1985, p. 367, tradução nossa), no qual “gesto e fala encontram-se integrados em uma mesma matriz de produção”⁴ e “ a ocorrência de gestos ao longo da fala implica que durante o ato de fala dois tipos de pensamento, imagístico e sintático, estão sendo coordenados.”⁵ Neste contexto, gesto e fala formam um único sistema linguístico.

Considerando a classificação proposta por Coelho (1999) e Dohme (2010) de que a narrativa está presente na contação de história, sua estrutura expressa uma sequência de fatos, estruturando-se a partir de recursos multimodais, pois ao falar, variações prosódicas e gestos podem surgir contribuindo para a produção de sentidos.

⁴ Gesture and speech are an integrated system in language production.

⁵ Thus the occurrence of gestures, along with speech, implies that during the act of speaking, imagistic and syntactic, are being coordinated.

Sendo assim, no próximo capítulo, apresentaremos a relação entre multimodalidade e cegueira, ou seja, os recursos multimodais na interação com a criança cega.

CAPÍTULO II: MULTIMODALIDADE E CEGUEIRA

Neste capítulo, inicialmente iremos discutir os recursos multimodais que podem ser utilizados na interação com a criança cega, ou seja, a fala, os gestos e os parâmetros prosódicos. Em seguida, discutiremos sobre a linguagem multimodal da criança cega sobre a perspectiva de Iverson e Goldin-Meadow (1997,2001) e Fonte (2011, 2012, 2013).

2.1 Recursos multimodais na interação com criança cega

Antes de discutirmos sobre a multimodalidade na interação com criança cega, apresentaremos a definição da cegueira, que segundo Ochaita e Rosa (1995, p. 183) é “um tipo de deficiência sensorial e, portanto, sua característica mais central é a carência ou comprometimento de um dos canais sensoriais de aquisição da informação, neste caso o visual”.

O comprometimento na aquisição da informação visual pode ser suprido pelo acesso de outros canais sensoriais como o da audição e o do tato, pois através destes dois canais a criança cega pode perceber o meio externo e estabelecer interação com as pessoas ao seu redor, conforme observa Fonte (2011).

Fonte e Cavalcante (2010, p. 57) afirmam que:

a audição possibilita detectar sons emitidos, permite que o indivíduo conheça a voz do interlocutor e as características prosódicas da fala, como entonações específicas, variações de altura e de velocidade. O tato favorece o contato físico com o interlocutor e com os objetos externos.

Nesse contexto, os aspectos prosódicos da fala da mãe e os objetos da interação podem ser percebidos pela criança cega através da audição e do toque, respectivamente. Diante dessa especificidade, esses aspectos multimodais, ou seja, a prosódia e o toque são considerados fundamentais na interação da criança cega.

Desse modo, seus interlocutores devem usar preferencialmente esses mesmos aspectos multimodais, ou seja, o toque e a voz para estabelecer contato com a criança

cega (LAPLANE; BATISTA, 2008). Nesse contexto, a interação acontecerá pelas modificações vocais produzindo sentido para criança.

Considerando as especificidades da cegueira, iremos discutir um pouco sobre estudos que analisaram dados interativos com criança cega, principalmente contextos interativos com a mãe, uma vez que, ainda há poucos trabalhos nesta área.

Partindo de tais contextos, Ortega, M. (2003. p. 77-95) observa que a voz materna constitui:

uma forma de presença, especialmente importante no caso da criança cega, um modelo para as aprendizagens fonéticas da criança que permitirá a esta não apenas imitar sons, como também integrar a sucessão de sons em estruturas linguísticas morfossintáticas e um modelo para o desenvolvimento semântico da linguagem, pois o que a mãe diz está relacionado à situação real que ela vive com a criança, e que é diretamente significativa para ela.

Nessa perspectiva, a voz, com suas marcações prosódicas, é considerada um recurso importante na interação da criança cega, possibilitando que a mesma se relacione de forma significativa com as pessoas que convive.

Medeiros (2010), ao analisar a fala materna, os comportamentos não verbais maternos e os comportamentos comunicativos infantis em interações com criança cega e com criança vidente, constatou que em cenas de atenção conjunta ou não entre mãe-criança cega as produções verbais e as ações gestuais maternas foram mais evidentes e funcionaram como recurso multimodal na promoção dessas interações.

Fonte (2006) contribuiu aos estudos sobre multimodalidade na cegueira, em especial em sua pesquisa que procurou investigar as estratégias maternas na interação com gêmeos cego e vidente, observou que os parâmetros prosódicos da fala materna foram mais variados na interação com o filho cego, já os gestos foram mais variados na interação com o filho vidente.

Nesse contexto, os parâmetros prosódicos utilizados pela mãe foram fundamentais para estabelecer relação com a criança cega. Neste momento discutiremos as instâncias da prosódia da fala materna: pista afetiva, estabelecimento ou manutenção da atenção conjunta e guia de inserção na língua/linguagem de acordo com Fonte (2011).

Em relação à pista afetiva Fonte (2011) observou nos resultados dos seus estudos que, nas interações entre mãe e o filho cego, a prosódia da fala materna funcionou como pista afetiva para o filho, ou seja, caracterizou o contexto afetivo de

aprovação ou de proibição através das qualidades vocais e variações prosódicas. No contexto de aprovação, foi usada uma fala enfática diante do prolongamento da duração do som. Já no contexto de proibição, foram utilizadas as qualidades vocais em falsetto, infantilizada e/ou chorosa, além da duração da palavra “não” e da intensidade forte.

Com relação ao papel de estabelecer ou manter a atenção conjunta, a autora observou na fala materna as qualidades vocais: infantilizada, voz em falsetto, grave aspirada, chorosa e silabada e os parâmetros prosódicos: duração através do alongamento da sílaba tônica, marcação prosódica enfática, velocidade lenta ou rápida da fala, variações de intensidade e entonação ascendente no final da emissão. (FONTE, 2011).

Já para inserir a criança na língua/linguagem, Fonte (2011) observou que a mãe assume o papel de marcar o lugar da criança no diálogo, usando uma marcação prosódica enfática ou uma qualidade vocal infantilizada.

Em relação a esses papéis da prosódia da fala materna na interação com a criança cega, a autora destaca que variações prosódicas podem fornecer pistas do contexto interativo à criança. Dessa forma, os aspectos prosódicos transmitem pistas afetivas, contribuindo na interação entre mãe e criança cega. Além disso, observa que a prosódia da fala materna pode apresentar o papel de atrair a atenção da criança cega para determinado objetivo ou para a própria cena interativa, contribuindo para estabelecer a atenção conjunta e ainda tem a função de inserir a criança cega na língua.

Com base em seus estudos, a autora observou que a mãe faz uso da pantomima vocal, ou seja, simula vozes de personagens com variações de qualidades vocais ao usar o falsetto ou a voz grave durante brincadeira com objeto. Em outros contextos, ao simular a cantiga de ninar, a pantomima vocal também foi realizada pela mãe e pela criança cega através da marcação prosódica ritmada (FONTE, 2011).

Desse modo, acreditamos que a participação da mãe em contextos de brincadeiras utilizando vozes variadas contribui para um melhor envolvimento da criança cega na interação, e conseqüentemente favorece a aquisição da linguagem. Em relação a isso Oliveira (2004) constatou em seus estudos a importância da mãe na aquisição da linguagem, quanto mais significativa for a participação da mãe na interação melhor será o desenvolvimento da linguagem da criança cega.

Ao relacionar os recursos multimodais na interação com criança cega, podemos considerar que a multimodalidade está relacionada à integração da fala, da prosódia e dos gestos sendo importante e necessária para a criança cega. Portanto, considerando

essa importância iremos apresentar no próximo tópico aspectos fundamentais sobre a linguagem multimodal da criança cega.

2.2 A linguagem multimodal da criança cega

Há poucos trabalhos que relacionam multimodalidade e cegueira, pois a discussão dessa temática é recente. Dentre esses trabalhos, encontramos Goldin-Meadow e Iverson (2001) e Fonte (2011, 2012, 2013).

Os gestos são destacados como um recurso multimodal para se expressar. Iverson e Goldin-Meadow (1997) realizaram um estudo com crianças cegas com o objetivo de observar a linguagem das crianças cegas desde o nascimento em diferentes situações e compreender seus gestos significativos. Os resultados mostraram que as mesmas utilizaram gestos como movimentos do corpo, cabeça, mãos e braços para interagir e produzir sentido.

Em estudo posterior, Iverson e Goldin-Meadow (2001) observam que a gesticulação é essencial para a fala independente da capacidade visual. Para alcançar esses resultados, as autoras analisaram crianças desde o nascimento e adolescentes cegos, com o propósito de observar se as gesticulações realizadas por eles se assemelhavam aos gestos das crianças que enxergam. Este estudo mostrou que os falantes cegos gesticularam durante a fala com mesma frequência e com a mesma variedade de formas gestuais em relação aos falantes videntes.

Considerando o aspecto multimodal de que gesto e fala constitui matriz única na linguagem, Da Fonte (2014), em estudos recentes, investigou a relação entre a fluência/disfluência e gesticulação na aquisição de linguagem de uma criança cega, este estudo constatou o funcionamento multimodal da linguagem da criança cega, no qual o plano gestual acompanha o plano de fala fluente ou disfluente no processo de aquisição da linguagem. Dessa forma, gesticulação e fala ocorrem simultaneamente em um contínuo gestuo-vocal.

Na perspectiva multimodal da linguagem, Fonte (2011; 2012) analisou os gestos e as produções verbais de uma criança cega ao estabelecer uma cena de atenção conjunta com a mãe, constatando que, nesses contextos, a criança realizou gestos imperativos, toque e vocalizações para dirigir a atenção materna para o foco da interação. Os dados evidenciaram a integração entre gesto e fala durante o estabelecimento da interação de atenção conjunta entre a criança cega e a mãe.

Nessa perspectiva, a criança cega não apresentou dificuldades em gesticular, logo ficou comprovada a presença da multimodalidade medida pela integração entre fala e gesticulação.

Nos primeiros anos de vida, Medeiros (2010) observou bebês cegos expressaram suas intenções comunicativas através de gestos variados como: estender os braços, pegar objetos e movimentar parte do corpo.

Com base nos estudos de Ortega (2003, p. 84) “a criança cega tem capacidade para vocalizar e balbuciar, e faz aproximadamente na mesma idade que as crianças videntes”.

Fonte (2013), em seus estudos sobre atenção conjunta e a aquisição da linguagem, investigou o funcionamento da atenção conjunta na interação entre mãe e criança cega. Os resultados mostraram que “as gestualidades realizadas pela criança cega foram mediadas pelo toque, por movimentos corporais e gestos de estender o braço ou erguer os braços.” (p. 408). Esses gestos ocorreram associados à fala, favorecendo o estabelecimento da atenção conjunta com a mãe. Dessa forma, os gestos e a fala constituem a linguagem multimodal.

Souza (2008, p. 62) acrescenta que “a criança com limitações visuais, tendo a oportunidade de vivenciar situações concretas, podendo fazer coisas e realizar descobertas com o corpo todo, possibilitará que os estímulos sensoriais sejam assimilados e transformados em sistema de significação”. Dessa forma, mesmo com a ausência da visão, a criança poderá utilizar o contato corporal através da percepção sensorial que é considerada um fator importante no seu desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e emocional.

Cunha e Enumo (2003) observam que a criança com deficiência visual não tem percepção dos sinais não verbais. Desse modo, para que haja interação é necessário que seja ofertado a ela situações de interação que promovam a percepção desses sinais da linguagem não verbal.

Nesse contexto, percebe-se que mesmo que a criança apresente cegueira, existem formas alternativas que ela pode utilizar para perceber o meio externo e estabelecer interações com interlocutores diversos.

Nascimento e Fonte (2013) realizaram um estudo em uma escola municipal do Recife-PE, com criança cega na faixa etária de 7 anos de idade com o objetivo de analisar os elementos prosódicos e a gesticulação em narrativas orais e identificar e

descrever a fala com suas marcações prosódicas e as gesticulações da criança cega no conto e no reconto de histórias.

Para a análise proposta, as autoras fizeram um estudo do tipo qualitativo, no qual filmaram duas situações distintas. Na primeira, a criança cega contou a história de Branca de Neve e na segunda, ela recontando a história do Patinho Feio. Os resultados mostraram que durante o conto da história de Branca de Neve e o reconto da história do Patinho Feio, a narrativa oral da criança cega foi acompanhada de gesticulações de diferentes partes do corpo e de parâmetros prosódicos como a intensidade vocal forte, o alongamento da vogal e a qualidade vocal infantilizada.

Fonte (2009, p. 96) afirma que “o uso da fala associada aos gestos dependem do sentido tátil para serem percebidos e representados”. Dessa forma, seguiremos a perspectiva multimodal proposta por Iverson e Goldin-Meadow (1997, 2001) e Fonte (2006, 2009,2011), que concebem gesto e fala como recursos multimodais utilizados pela criança cega na interação.

No próximo momento serão apresentados os aspectos metodológicos da nossa pesquisa, ou seja, a) tipo de estudo, b) seleção do sujeito, c) elaboração do material para coleta de dados, d) procedimentos de coleta e de transcrição de dados, para um melhor entendimento do estudo, que focará em recontos de histórias realizados pela criança cega.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipologia do estudo

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso de natureza observacional e de caráter qualitativo. Optamos por esse tipo de pesquisa por facilitar nossa descrição e análise dos elementos multimodais (fala/prosódia e gestos) utilizados pela criança cega no relato de histórias.

3.2 O sujeito

A escolha do sujeito da pesquisa para participar deste estudo ocorreu no Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual (CAP) localizado na cidade de Garanhuns-PE. No dia 30 de maio de 2014, fomos conhecer a instituição e sua diretora. Inicialmente, conversamos sobre as atividades que as crianças cegas realizam no CAP, que incluem: estudo do braille, atendimentos psicopedagógicos, psicológicos e fonaudiológicos. Posteriormente, conversamos sobre o objeto de estudo desta dissertação e o interesse em escolher uma criança que apresentasse apenas cegueira congênita, sem patologias associadas à deficiência visual e preferencialmente entre a faixa etária de 6 a 10 anos de idade, pois já estaria adquirida a linguagem oral e teria o interesse de participar de atividades com histórias infantis. A diretora, por ser cega, mostrou-se bastante interessada pelo estudo e se comprometeu em marcar uma reunião com mãe e filha que tinha essas características.

No dia seguinte chegamos à instituição por volta das 9h da manhã quando a diretora apresentou Ana (mãe) e Letícia (filha), nomes fictícios. Neste mesmo dia, tivemos o prazer de conhecê-las e explicar os objetivos do estudo, tempo de duração e instrumentos de coleta de dados, como também os termos legais, isto é, o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO A), expondo os objetivos, a metodologia e as questões éticas que regem a pesquisa. A mãe assinou o termo de consentimento livre e esclarecido, concordando com sua participação na entrevista semidirigida e com a participação da filha em todos os procedimentos de coleta de dados do estudo, permitindo a utilização dos dados coletados para fins científicos. Além disso, a criança

mostrou-se bastante interessada nas atividades da pesquisa, aceitando participar de todas as etapas.

3.3 Elaboração do material para a coleta dos dados

Antes de iniciarmos a coleta de dados, selecionamos três contos infantis. Optamos pelos contos: Chapeuzinho Vermelho escrito por Charles Perrault, Os Três Porquinhos escrito por Joseph Jacobs e Branca de Neve escrito pelos Irmãos Grimm, por serem histórias que foram sendo contadas e repassadas por gerações através dos anos até os dias de hoje. Vale salientar que tais contos foram sendo contados/recontados com omissões e acréscimos de novas informações em relação aos contos originais, ou seja, também foram adaptados as faixas etárias, uma vez que, os contos originais foram escritos com termos complexos, fugindo do vocabulário do cotidiano da criança o que dificultaria a compreensão da história. Desse modo, a versão que utilizamos para coleta de dados foi reescrita pela Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda, isto é, uma versão adaptada para compreensão da faixa etária da criança cega participante deste estudo.

Além da seleção dessas histórias, adaptamos os contos impressos de livros infantis (Anexo B) para facilitar a compreensão da história tendo em vista a faixa etária da criança e as necessidades especiais visuais. Para a elaboração desses materiais adaptados, seguimos alguns passos:

1ª passo:

Sintetizamos as histórias selecionadas (Anexo III), respeitando os quatro elementos essenciais das narrativas: introdução, enredo, clímax ou ponto culminante e desfecho, discutido por Coelho (1999) e Dohme (2012), contribuindo para a percepção da estrutura da narrativa e para a compreensão da criança cega dos momentos distintos das histórias narradas.

2º passo:

Recontamos as histórias, que foram sintetizadas, no *móBILE LEARNING* que é um aplicativo. O *M-Learning*, de *mobile learning*, apresenta várias funções dentre elas a de gravar o áudio das narrativas orais.

A gravação das histórias foi realizada na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) na disciplina de Tópicos de Estudo sobre Linguagem: multiletramentos e Língua Portuguesa com a supervisão da professora Roberta Caiado.

3º passo:

As gravações das narrativas das histórias foram adaptadas, usando algumas estratégias da audiodescrição como a inclusão de sons que contribuem para a produção de sentidos das histórias. Segundo Motta (2010), a audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em narrativas orais, peças de teatro, programas de TV, exposições, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora.

Nesse contexto, a audiodescrição permite, principalmente para pessoa cega, que receba a informação sobre a imagem ao mesmo tempo em que esta aparece, possibilitando que a pessoa desfrute integralmente da obra, acompanhando o enredo e captando auditivamente o contexto e os detalhes visuais da narrativa.

4º passo

Após narrar e gravar as histórias dos três contos selecionados, pesquisamos no laboratório do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem *links* que tivessem os sons para contextualizar cada uma das histórias editadas no aplicativo “*Adobe Audition*”, que é uma ferramenta que tem a função de editar e modificar a trilha sonora ou narração de um vídeo que está sendo criado sem perder a qualidade e eficácia. Desse modo, os sons, pesquisados no *site* <https://www.youtube.com/?gl=BR&hl=PT>, foram inseridos nas narrações através do *Adobe Audition*, de forma que narração e sons ficassem integrados produzindo sentido para criança cega.

Na narrativa gravada da história de Chapeuzinho Vermelho⁶, incluímos diferentes sons em momentos distintos da narrativa. No momento em que se inicia a história, inserimos trechos da trilha sonora da história original de Chapeuzinho Vermelho. No momento em que Chapeuzinho Vermelho encontra o lobo, incorporamos na narrativa em áudio uma música instrumental de suspense. Assim que o lobo chega na

⁶ A história adaptada para a criança cega pode ser ouvida no CD nº 1.

casa da avó de Chapeuzinho Vermelho, incluímos o som do batido de porta. Quando a avó pede para puxar a tranca, acrescentamos barulho de porta seguido do som da porta se abrindo e fechando. No momento em que chapeuzinho chega à casa da avó, adicionamos na narrativa o barulho de porta e desta se abrindo. Inserimos gritos de Chapeuzinho Vermelho no momento em que o lobo saltou para cima de chapeuzinho. No momento em que o caçador escuta os gritos de Chapeuzinho, incluímos barulhos de tiros na tentativa de matar o lobo, seguidos de gritos dele.

Ao introduzir a história dos Três Porquinhos⁷, incluímos uma trilha sonora. No momento em que dona porca chama seus filhotes para falar que a fazenda estava à venda foi inserido barulho de porco roncando. Quando o lobo ficou sabendo dos três porquinhos foi incluído risada de lobo e música instrumental de suspense. Acompanhando o ritmo da narrativa foi inserida uma música instrumental quando o lobo gritava pedindo que os porquinhos abrissem a porta. Após o porquinho da casa de palha e de madeira falar que não abriam a porta. Após o sopro do lobo mau, incluímos som de casa indo para os ares. Já no momento que o lobo chega à casa de tijolos para derrubá-la, também foi inserido som de música instrumental representado as várias tentativas do lobo para derrubar a casa a qual não consegue. Quando o lobo percebe que não consegue derrubar a casa de tijolo, resolve entrar pela chaminé quando foi incluída mais uma vez música de suspense para acompanhar a narrativa e seu grito ao se queimar. Para representar a felicidade dos porquinhos ao ver que o lobo foi embora foi inserido a música dos porquinhos cantando “*quem tem medo do lobo mau, do lobo mau, lá, lá, lá*”.

Já ao introduzir a história em áudio de Branca de Neve⁸, incluímos as músicas instrumentais que estão na trilha sonora do próprio filme, ou seja, no decorrer da narrativa foram utilizadas todas as músicas. No momento em que o caçador chega com Branca de Neve na floresta, foi inserida música instrumental de suspense contida no filme quando a menina pede a ele que a deixe viver. Quando o caçador permite Branca de Neve fugir incluímos música de suspense acompanhando a personagem correndo pela floresta. Quando Branca de Neve encontra a casinha dos sete anões, abrindo sua porta, incorporamos o som desta ação. No momento em que os sete anões saem do trabalho e retornam para casa, incluímos a música que cantam na trilha sonora do filme

⁷ A história adaptada para a criança cega pode ser ouvida no CD nº 2.

⁸ A história adaptada para a criança cega pode ser ouvida no CD nº 8.

“*eu vou, eu vou, para casa agora eu vou*”. Assim que eles entram em casa e também no momento em que entram no quarto, incluímos o barulho de porta abrindo. Quando a rainha pergunta ao espelho: “*existe alguém mais bela do que eu?*” E o espelho responde que Branca de Neve ainda é a mais bonita acrescentamos, neste momento, barulho de espelho quebrando. Quando a rainha oferece a maçã a Branca de Neve, inserimos a risada de bruxa. Assim que os sete anões viram Branca de Neve morta, incluímos uma trilha sonora instrumental fúnebre contida no final do filme, que remete tristeza. No final da narrativa, em que o príncipe dá um beijo em Branca de neve, inserimos o som de beijo.

Para sintetizar essa etapa da pesquisa, a seguir apresentaremos um quadro com a especificação de trilhas sonoras e de sons incluídos para caracterizar cada uma das histórias narradas e a duração do tempo das histórias em audiodescrição.

HISTÓRIA	TRILHAS SONORAS/SONS	TEMPO DE DURAÇÃO
Chapeuzinho Vermelho	1. Trilha sonora da história original. 2. Sons de passo andando na floresta, batido de porta, barulho de porta se abrindo e fechando, gritos de Chapeuzinho Vermelho e de tiros dados pelo caçador.	3m7s
Os Três Porquinhos	1. Trilha sonora da história original. 2. Batido de porta, som de casa indo para os ares, risadas e som dos porquinhos cantando.	2m57s
Branca de Neve	1. Trilha sonora da história original. 2. Batido de porta abrindo e fechando, som dos anões cantando, risada de bruxa, som de espelho quebrando e som de beijo do príncipe.	2m48s

3.4 Procedimentos de coleta e de transcrição de dados

A coleta de dados foi realizada no domicílio da criança cega participante deste estudo e ocorreu em dois momentos, totalizando sete sessões, em uma delas foi realizada a entrevista com a participação da mãe. A seguir descreveremos cada uma das etapas dos procedimentos de coleta de dados.

1º momento: Construção do perfil da criança cega

A criança cega participante deste estudo tem 9 anos de idade, apresenta cegueira desde nascença e não possui patologias associadas a deficiência visual. Frequenta o Centro de Apoio pedagógico à Pessoa Visual (CAP) no turno da manhã de segunda a sexta-feira, no qual realiza estudo do braille e é atendida por psicopedagogo, psicólogo e fonoaudiólogo. Além disso, frequenta a escola regular no período da tarde cursando o 1º ano do fundamental I, pois está em processo de alfabetização, não sabendo ainda ler e escrever.

Realizamos sete sessões com a criança, incluindo a entrevista com a mãe. O primeiro encontro ocorreu no dia 07 de junho de 2014 às 9h, onde realizamos uma entrevista semidirigida (Anexo C) com a mãe e com a criança cega para caracterizar a história da criança em relação à vivência com contação de histórias e ao conhecimento das histórias selecionadas para coleta de dados. Optamos pela entrevista semidirigida por permitir que os entrevistados tenham mais liberdade e confiança em responder as questões, auxiliando o pesquisador a ampliar sua visão sobre as informações que deseja, construindo um padrão para articular os dados obtidos durante a coleta. Portanto, nessa entrevista, coletamos informações sobre: a existência ou não do hábito de a mãe contar histórias para a filha, a compra de livros infantis, o prazer da filha de contar e de ouvir histórias, os recursos de linguagem (fala e gestos) utilizados pela criança no reconto de histórias; a história preferida da criança em relação às três selecionadas. Essa entrevista foi filmada para registrar todas as informações relatadas.

No dia da entrevista, Letícia (nome fictício) estava ansiosa nos esperando, pois tinha tomado banho, tinha colocado sua melhor roupa. Quando chegamos, conversamos um pouco sobre seu final de semana para que ela descontraísse e se sentisse mais à vontade. Através da entrevista percebemos que a criança não tinha o hábito de ouvir e contar histórias, mas conhecia e tinha os livros das histórias que seriam trabalhadas no estudo, inclusive relatou que a história que mais gostava era a de Chapeuzinho vermelho. Este encontro teve a duração de 1h e 30min ao todo.

2º momento: Apresentação das histórias e captação dos dados

O segundo momento compreendeu seis encontros que ocorreram entre o período de 09 a 20 de junho de 2014.

O segundo encontro ocorreu no dia 9 de junho de 2014. Vale ressaltar que nesse dia quando chegamos à sua casa conversamos um pouco sobre sua escola, seus amigos, sua professora. Em seguida, falamos que iria apresentar a história de Chapeuzinho Vermelho, ou seja, a história que segundo relatos dela na entrevista era a que mais gostava. A história teve a duração de 3h 07min e foi apresentada em audiodescrição, facilitando assim a compreensão para criança cega. O tempo total foi de 1h e 30min.

O terceiro encontro ocorreu no dia 10 de junho de 2014. Neste dia, tínhamos combinado com Letícia (nome fictício) às 14h, no entanto, chegamos mais cedo, às 13h 30. Percebemos que neste encontro Letícia estava mais descontraída, nos apresentou a sua avó, tias e dois primos que junto com ela ouviu a história que apresentamos neste dia. Após o momento de conversa e descontração, reapresentamos a história de Chapeuzinho Vermelho em audiodescrição e em seguida, a criança cega foi solicitada a recontá-la. Foi um momento muito rico para análise dos dados, pois percebi que mesmo sem ter o hábito de ouvir e recontar histórias, Letícia usou bastante a linguagem gestual. Tempo de duração do encontro foi de 2h.

O quarto encontro ocorreu no dia 12 de junho. Ao chegarmos a seu domicílio, Letícia já estava aguardando, inicialmente conversamos um pouco sobre sua escola, professora, família e festa de São João que iria acontecer na sua rua. Era um momento muito importante para fortalecer nossa interação e relação de confiança. Neste dia, foi apresentada em audiodescrição a história “Os Três Porquinhos” com duração de 2h 57min e duração total do encontro de 1h e 15min.

O quinto encontro ocorreu dia 13 de junho de 2014. Chegamos a sua casa às 15h, como sempre estava nos esperando, neste dia, percebi que Letícia estava um pouco triste, pois sua mãe tinha tido um aborrecimento e estava doente, então conversamos um pouco, perguntei como ela estava e se precisava de alguma ajuda ou se ela queria que eu marcasse outro dia em que sua mãe estivesse melhor, no entanto, Letícia disse que não, que queria que nós ficássemos para ouvir histórias. Nesse momento falei para Letícia que iríamos reapresentar a história dos Três Porquinhos, para em seguida ela recontar.

Este encontro foi mais demorado, devido à situação de sua mãe. A duração total foi de 2h e 43min.

O sexto encontro ocorreu no dia 18 de junho de 2014, quando apresentamos em audiodescrição a história de Branca de Neve com duração de 2h 48min. Neste dia chegamos às 13h e 25min à casa de Letícia, Percebemos que a mesma estava mais tranquila e sua mãe estava também bem melhor. Conversamos um pouco sobre a festa de São João que iria acontecer na sua rua na noite daquele dia, levei também uma roupa nova para Letícia, que no mesmo momento foi vestir para vermos. Esse encontro teve a duração total de 1h mais ou menos.

O sétimo encontro ocorreu no dia 20 de junho de 2014. Nesse dia chegamos às 16h, nos atrasamos um pouco, pois estava chovendo muito. Assim que chegamos, Letícia foi logo contando sobre a festa, contou como foi a quadrilha com os moradores da sua rua muito empolgada. Depois da conversa, que é considerado um momento importante para preparação do reconto, reapresentamos a história de Branca de Neve para que em seguida Letícia recontasse. Após o reconto que foi registrado através da filmagem, perguntamos a Letícia se ela gostou, como se sentiu, se teve momentos em que ela queria desistir e o que ela vai guardar de lembrança. Letícia respondeu que gostou muito, uma vez que nunca tinha ouvido e recontando tantas vezes histórias, falou também que no início se sentiu um pouco tímida e que em momento algum pensou em desistir. Este último encontro, como foi um momento de despedida teve a duração total de 2h e 50min.

Vale ressaltar que nesses encontros foram estabelecidos vínculos afetivos muito significativos, pois Letícia se mostrava cada vez mais interessada em ouvir e em recontar as histórias. ■

Ao recontar as histórias, a criança cega permaneceu sentada no sofá porque o lugar que podíamos realizar o estudo teria que ser a sala que apresenta 2m², por ser muito pequena não tinha como a criança ficar de pé para recontar as histórias, pois dificultaria as filmagens e a movimentação de gestos da criança, já que os móveis da casa eram muito próximos um do outro. Vale salientar que antes de iniciar o reconto, avisávamos a criança que iríamos ligar a filmadora e que ela poderia começar. Durante todo o reconto a pesquisadora permanecia em silêncio.

A seguir, apresentaremos uma figura da sala, a pesquisadora estava filmando sentada no sofá de dois lugares e a criança a sua frente, sentada no sofá de três lugares.



- SOFÁ TRÊS LUGARES
- SOFÁ DOIS LUGARES
- RACK COM TELEVISÃO
- MESA DO COMPUTADOR

A seguir, apresentaremos um quadro síntese das sessões de coleta de dados, expondo a data que cada uma foi realizada, o tempo de duração e a contextualização de cada etapa, especificando a apresentação e reapresentação da história.

Encontro	Data	Tempo de duração história	Caracterização da história	Tempo total de duração do encontro
1º encontro	7 de junho de 2014		Entrevista semidirigida	
2º encontro	9 de junho de 2014 Entrevista	3m 07s	Apresentação da história de Chapeuzinho Vermelho em audiodescrição.	1h e 30min
3º encontro	10 de junho de 2014	Duração da história em audiodescrição: 3m 07s Duração do reconto: 1 m 19s	Reapresentação da história de Chapeuzinho vermelho e reconto da criança com duração de 1m 19s	2h
4º encontro	12 de junho de 2014	2m57s	Apresentação da história dos Três porquinhos para criança em audiodescrição	1h e 15min
5º encontro	13 de junho de 2014	Duração do reconto: 1m1s	Reapresentação da história dos Três porquinhos e reconto da criança com duração de 1m1s	2h e 43min
6º encontro	18 de junho de 2014	2m48s	Apresentação da história de Branca de Neve em audiodescrição para criança.	1h
7º encontro	20 de junho de 2014	Duração do reconto: 1m54s	Reapresentação da história de Branca de Neve para criança e reconto da criança com duração de 1m54s	2h e 50

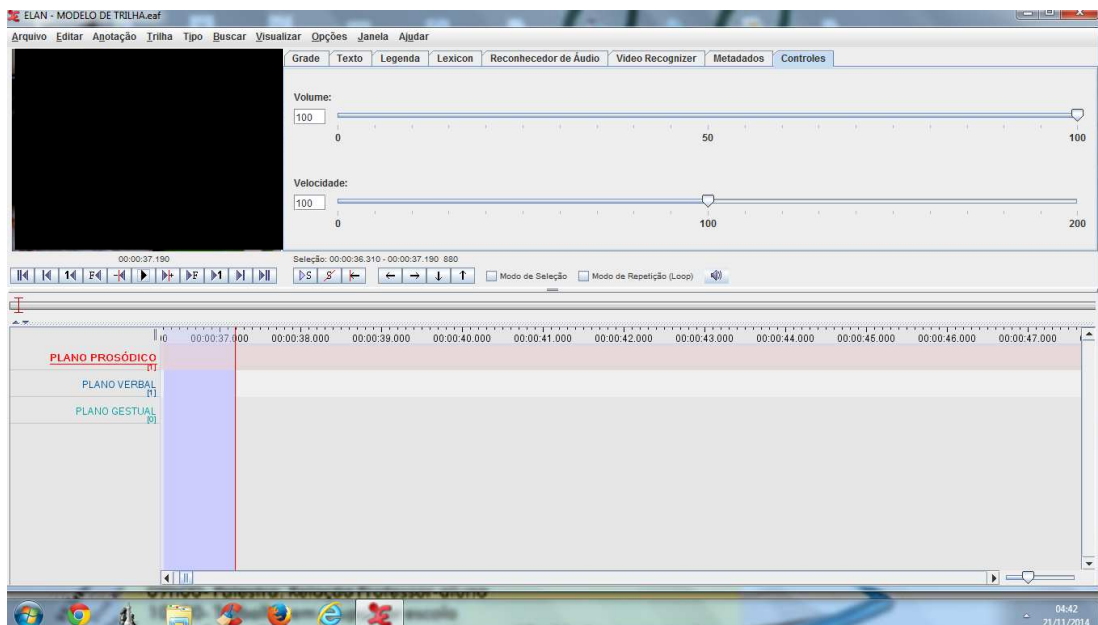
- *Crêterios de transcri o e análise de dados*

Para a transcri o dos dados, seguimos algumas orienta es de notaaes gráficas propostas por Marcushi (1998) e Fonte (2011). Conforme tabela a seguir:

((Para indicar gesto ou fala simult�neos do mesmo interlocutor.
(+)	Para pequenas pausas existentes na fala.
Tempo	Para pausas que ultrapassem 1.5 segundo, indique o tempo.
Incompreens�vel	Quando n�o se entende parte da fala ou todo o turno.
LETRAS MAI�SCULAS	S�laba ou palavra pronunciada com maior tempo.
:	Os dois pontos podem ser repetidos, a depender da dura�o.
(...)	Indica�o de transcri�o parcial ou elimina�o.

A transcri o dos dados foi feita no *software* ELAN (*Eudito Linguistic Annotador*), que permite fazer anota es simultâneas para vídeo e  udio. Desse modo, possibilita registrar a fala e seus aspectos prosódicos e os gestos no tempo exato de sua ocorrência na narrativa.

Foram criadas duas trilhas chamadas plano verbal/plano prosódico e plano gestual. No plano prosódico, transcrevemos a fala e acima desta registramos seus elementos prosódicos, como velocidade de fala, intensidade vocal e as qualidades vocais, e no plano gestual, os diferentes tipos de gestos realizados, conforme modelo abaixo.



Selecionamos como categorias de análise de dados os planos do envelope multimodal, proposto por Ávila Nóbrega (2010) e por Fonte (2011):

- Plano Verbal
- Plano Prosódico
- Plano Gestual

Para analisar os recursos multimodais utilizados pela criança cega durante o relato das histórias, esses planos do envelope multimodal serão organizados em uma tabela, semelhante ao modelo adotado por Fonte (2011) e Fonte et al (2014), conforme expomos abaixo:

TEMPO INICIAL	TEMPO FINAL	PLANO PROSÓDICO	PLANO GESTUAL

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este estudo teve com objetivo geral analisar os recursos multimodais em narrativas de reconto de histórias de criança cega. Nesse contexto as narrativas das histórias serão analisadas e discutidas considerando a ordem em que foram apresentadas e recontadas pela criança cega.

4.1 Cena 1: Reconto da história de Chapeuzinho Vermelho pela criança cega

TEMPO INICIAL	TEMPO FINAL	PLANO PROSÓDICO	PLANO GESTUAL
00:00:00.00	00:00:07.997	(velocidade de fala rápida) ((era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho ela tinha o nome de Chapeuzinho vermelho porque a:: mãe dela fez um ca::puz e uma toca'))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado e para o outro, puxava a blusa para baixo com as mãos como se estivesse se ajustando e levantava as pernas também se ajustando no sofá))
00:00:07.997	00:00:22.760	(((+) ela tava andando na floresta e:e encontrou um lobo (+) e e::ele foi e falou com ela e aí foi: aí foi na frente dela chegou na casa da avó ela fez?))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado e para o outro, mexe o tórax e as mãos pegando uma na outra))
00:00: 22.760	00:00:45.390	(Aumenta a intensidade vocal-intensidade forte) ((QUEM É QUE TÁ AÍ? (Diminui a intensidade vocal) Sua netinha Chapeuzinho Vermelho aí:aí ela abriu (+) aí pegou (+) comeu a vovó (+) vestiu a roupa dela e deitou para esperar Chapeuzinho Vermelho))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado e para o outro e se ajusta no sofá com o apoio das mãos))
00:00:45.390	00:01:09.650	((Chapeuzinho vermelho chegou e (+) o:o lobo disse (intensidade forte) quem é? (intensidade fraca) É::é sua netinha Chapeuzinho Vermelho abra a porta aí ela abriu e ela entrou e ele tentou comê-la aí o caçador veio e tirou a vovó da barriga))	((realiza movimentos com a cabeça para cima e para o lado, mexia o tórax e apoiava as mãos no sofá para acomodar o corpo))

Ao recontar a história de Chapeuzinho Vermelho, a criança cega considera os quatro elementos da estrutura da narrativa, isto é, a introdução, o enredo, o clímax ou ponto culminante e o desfecho, propostos por Coelho (1999) e Dohme (2010), contextualizando o conto com coerência.

Ao iniciar a narrativa da história, criança cega usou a expressão: {“*Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho*”} (tempo de 00:00:00.030 a 00:00:07.970) com uma velocidade de fala rápida. Nesse contexto, segundo Coelho (2000), a expressão estabelece um “gancho” ao que vai ser narrado ou ouvido prendendo a atenção do ouvinte.

Na introdução, a criança cega assume o papel de narrador para representar e caracterizar a personagem principal no momento em que fala {*ela tinha o nome de Chapeuzinho Vermelho porque a mãe dela fez um capuz e uma toca*} nesse mesmo momento, durante o percurso da fala a criança cega realiza movimentos com a cabeça para um lado e para o outro, puxava a blusa para baixo com as mãos e levantava as pernas também se ajeitando no sofá, ou seja, usa a gesticulação, conforme classificação de Kendon (1982), caracterizada pelo movimento de diferentes partes do corpo em sincronia com a fala.

Em relação ao enredo da narrativa, a criança cega ora assume o papel de narrador, ora o de personagem da história. Observamos que ao recontar a história, a criança também realiza gesticulações variadas com o corpo, ou seja, realiza movimentos com a cabeça para um lado e para o outro, mexe o tórax e as mãos pegando uma na outra, comprovando as constatações de Goldin-Meadow e Iverson (2001) de que a presença da gesticulação não depende da capacidade visual.

No período de tempo entre 00:00:07.997 a 00:00:22.760, ao ocupar o papel de narrador, utilizou como parâmetro prosódico o alongamento da vogal no trecho: {“*e::ele*” “*aí foi: aí foi*”}, onde ao mesmo tempo mexia com a cabeça para um lado e para o outro, sendo observado o que afirma McNeill (1985) de que gesto e fala encontram-se integrados em uma mesma matriz de produção.

Ao representar a avó, a criança cega fala: {“*QUEM É QUE TÁ AÍ?*”}, com intensidade forte. Já ao assumir o papel de Chapeuzinho Vermelho, responde com uma intensidade fraca ao questionamento da avó por meio do enunciado: {“*sua netinha Chapeuzinho Vermelho*”}. Constatamos que a mudança de personagem representada pela criança fez com que a criança variasse sua intensidade vocal. A intensidade forte representou a avó, talvez por ser uma pessoa que representa um adulto mais experiente,

que exige uma voz mais firme. Já a intensidade fraca, representou Chapeuzinho, possivelmente por ser uma criança delicada, indefesa e meiga. Logo, ao representar os personagens, a criança cega usou a pantomina vocal ao modificar a qualidade vocal, conforme foi observada no estudo de Fonte (2011a) realizado com mãe e criança cega.

No decorrer do enredo a criança verbaliza: *{aí:aí ela abriu (+) aí pegou (+)comeu a vovó (+)vestiu a roupa e deitou para esperar Chapeuzinho vermelho}* ao narrar a sequência de fatos desde a entrada do lobo na casa da avó até o momento em que ele deita em sua cama para aguardar Chapeuzinho Vermelho. As pausas presentes entre cada ação realizada pelos personagens tiveram, de acordo com Cagliari (1992), a função de segmentar a fala, separando as ações sequenciais. Ao mesmo tempo em que narrava, a criança realizava movimentos com a cabeça para um lado e para o outro e se apoiava com as mãos para se ajeitar no sofá, acompanhando o fluxo da fala e contribuindo para sua fluência, conforme sugerem Cavalcante e Brandão (2012). Foi observado que essas gesticulações apresentam significados, principalmente, quando a criança representava diferentes personagens com maior intensidade vocal.

Na narração do enredo, observamos que, ao recontar a história, a criança cega descreve a ação dos personagens que compõe a história e relata um conflito no momento em que come a vovó e deita na cama para esperar Chapeuzinho.

As variações de intensidade vocal do narrador, com breves e oportunas pausas preparam o momento do clímax ou ponto culminante na narrativa, que foi bastante breve, uma vez que a criança cega omitiu fatos relevantes da narrativa que expressam tensão. Acreditamos que esses fatos omitidos tenham sido porque a criança não tinha o hábito ou vivência de ouvir a histórias. Desse modo ao recontar, a criança vai chegando ao objetivo final do conto alternando o papel de narrador e de personagem com a fala: *{“Chapeuzinho chegou e (+) o: o lobo disse QUEM É?}*, utilizando uma intensidade forte no momento em que o lobo representa a vovó. Já no fragmento da fala: *{é::é sua netinha Chapeuzinho Vermelho}*, ocupa o papel de Chapeuzinho, utilizando uma intensidade fraca. Observamos que ao representar diferentes personagens a criança modifica a intensidade vocal, alternando ora para forte, ora para fraca quando assume o papel de diferentes personagens. Além desse parâmetro prosódico, simultaneamente à fala, a criança realiza movimentos com a cabeça para cima e para o lado, mexe o tórax e ajeita-se no sofá com o apoio das mãos, ou seja, usa gesticulações com diferentes partes do corpo durante o fluxo da narrativa oral. As gesticulações utilizadas pela criança cega

sugerem significados importantes, pois esses movimentos variados com o corpo foram representados no momento de tensão da história.

Após atingir clímax com a última expressão: {...}ele tentou comê-la} restando apenas terminar a narrativa. Para concluir o reconto, a criança termina a história falando {“*aí veio o caçador e tirou a vovó da barriga*”}, nesse momento ao terminar a história a criança cega não utiliza a expressão “ viveram felizes para sempre” como na história original.

4.2 Cena 2: Reconto da história dos Três Porquinhos pela criança cega

TEMPO INICIAL	TEMPO FINAL	PLANO PROSÓDICO	PLANO GESTUAL
00:00:00:00	00:00:04.010	(velocidade de fala rápida) ((era uma vez três porquinhos que morava com a sua mãe))	((realiza movimentos com a cabeça e tórax para uma lado e outro e apertava a mão esquerda na direita))
00:00:04.010	00:00:07.170	(velocidade de fala rápida) ((ceto dia ela disse que eles tinham que ir para uma casa))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado e para outro e com o tronco e ainda pegava com a mão esquerda os dedos da mão direita um por um))
00:00:07.170	00:00:24.950	((e::eles foram (+) acharam palha o porquinho mais novo (+) o:: do meio pegou (+) madeira e o mais velho tijolo, cimento e construiu))	((pegava com a mão direita o dedo polegar e indicador de forma alternada))
00:00:24.950	00:00:35.060	(((+) aí o lobo apareceu (intensidade forte) ABRE A PORTA AÍ (+) (intensidade fraca) e::ele pegou e soprou (+) que ele disse que não abria aí::aí soprou (+) aí::aí derrubou aí ele correu para casa de madeira aí o lobo foi atrás))	((realiza movimento com a cabeça para um lado e para o outro)) ((realiza de batido de porta com os dedos médio e anelar no braço da cadeira)) ((realiza movimentos com as mãos e tórax, apoia as mãos do sofá como se estivesse se ajustando))
00:00:35.060	00:00:45.300	(intensidade forte) ((aí::aí ele disse abre a porta aí::aí ele fez assim abre a porta (velocidade de fala rápida) aí assoprou, assoprou e derrubou))	((realiza gesto de batido de porta com os dedos médio e anelar no braço do sofá)) ((realiza movimentos com a cabeça para um lado e para o outro, o tórax acompanhava esse movimento da cabeça e mãos permaneciam juntas))
00:00:43.300	00:00:48.490	((+(+) aí os dois porquinhos foi para casa de madeira (+) não de tijolo))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado e outro e apertava a mão esquerda na direita))
00:00:48.490	00:01:01.100	((intensidade forte)) ((aí (+) abre a porta se não eu vou derrubar essa casa também aí (+) eles ficaram calado aí ele assoprou, assoprou e não conseguiu aí pulou dentro da chaminé na água quente e se queimou ((velocidade de Fala rápida)) e eles viveram felizes para sempre))	((realiza gesto de batido de porta com os dedos médio e anelar no braço do sofá)) ((realiza movimentos com a cabeça para um lado e para o outro e com os dedos indicador e polegar da mão esquerda tocava o dedo indicador e médio da mão direita))

Ao recontar a história dos Três Porquinhos, a criança cega inicia o conto com o mesmo parâmetro prosódico e expressão de abertura da narrativa anterior, ou seja, utilizando a velocidade de fala rápida ao introduzir a história com a expressão: {“**era uma vez** três porquinhos que morava com sua mãe”}. Simultaneamente a essa fala, a criança realizou movimentos com a cabeça e toráx para uma lado e outro e apertava a mão esquerda na direita, ou seja, realizava gesticulações variadas com o corpo, acompanhando o fluxo da fala. Dessa forma comprovando os estudos de Fonte (2011) que as gesticulações podem ser caracterizadas por movimentos de diferentes partes do corpo, que acompanham o fluxo da fala.

Durante a introdução, ao narrar a história, a criança cega diz: {“*ceto dia ela disse que eles tinham que ir para uma casa*”}. O uso da expressão “*certo dia*”, segundo Coelho (1999), estabelece o contato inicial entre narrador e ouvinte.

O enredo caracteriza-se pela sucessão dos episódios, pelos conflitos que surgem no decorrer da narrativa e pela ação dos personagens. No intervalo de tempo entre 00:00:07.190 a 00:00:24.960 a criança fala: {“*aí e::eles foram (+) acharam palha o porquinho mais novo (+) o::do meio pegou madeira e o mais velho tijolo, cimento e construiu*”}. Nesse momento ao representar o narrador, a criança utilizou a pausa como parâmetro prosódico enfatizando e demarcando as ações do personagem onde ao mesmo tempo pegava com a mão direita o dedo indicador de forma alternada, pontuando as sequências dessas ações, comprovando estudos de Fonte et al (2014) de gesto e fala constitui uma única matriz de significação de linguagem.

Durante o enredo a criança ao narrar fala: {“**aí o lobo apareceu abre a porta aí** (+) e::ele pegou e soprou (+) que ele disse que não abria aí::aí soprou (+) aí::aí derrubou aí ele correu para casa de madeira aí o lobo foi atrás”}. Ao assumir o papel do lobo por meio da fala a criança cega aumentou intensidade vocal e usou a pantomima gestual, conforme classificação de Kendon (1982), para representar o gesto de batido de porta com os dedos médio e anelar no braço do sofá. Dessa forma, a pantomima gestual foi caracterizada por gestos manuais simulando a ação de bater na porta, e conforme estudos de Cavalcante (2009) e Fonte et al (2014), ocorreu na presença da produção verbal, caracterizada por pantomima vocal (FONTE, 2011).

É importante destacar que no enredo, a criança cega ora assume papel de narrador ora assume papel de personagem. No tempo de 00:00:35.060 a 00:00:45.300,

ao falar: {“ aí::aí ele disse **abre a porta**, aí ele fez assim **abre a porta aí assoprou assoprou e derrubou**”} utilizou a pantomima vocal por meio da intensidade forte ao representar o papel do lobo nos recortes {(...) **abre a porta (...)**abre a porta(...)} integrada a pantomima gestual para representar o batido de porta com os dedos médio e anelar no braço do sofá. Usou velocidade de fala rápida ao concluir a fala representando o papel do narrador, no trecho: {(...) **aí assoprou assoprou e derrubou**”}. Percebemos que ao representar esses papéis a criança usou aspectos multimodais prosódicos na representação simbólica através da variação dos parâmetros prosódicos.

Complementando o enredo a criança assume o papel do narrador ao dizer: {“ *aí os dois porquinhos foi para casa de madeira (+) não de tijolo*”} enquanto realizava movimentos com a cabeça para um lado e outro e apertava a mão esquerda na direita, isto é, gestos simultâneos à fala na narrativa. A pausa utilizada sugere uma reformulação do discurso narrativo, pois após a pausa a criança cega retifica o tipo de casa.

O clímax surge como resultado de todos os fatos ocorridos no enredo. Portanto, quando a criança fala: {aí (+) abre a porta se não eu vou derrubar essa casa} também aumenta a intensidade vocal ao representar o lobo simulou o batido de porta com os dedos médio e anelar no braço do sofá, configurando um gesto pantomímico segundo classificação de Kendon (1982).

O desfecho surge para terminar a história após um conflito, por meio do enunciado: {aí (+) eles ficaram calados aí assoprou, assoprou e não conseguiu aí pulou dentro da chaminé (+) na água quente e se queimou e eles viveram felizes para sempre}. A criança utilizou a pausa para segmentar a fala e a expressão “feliz para sempre”, que segundo Coelho (2000) tem a função de que ao terminar o relato vai chegando ao objetivo final, ou seja, o final feliz presente nos contos.

Ao recontar a história, a criança cega utilizou os recursos multimodais como produção verbal, variações prosódicas, gesticulação e gesto pantomímico, que contribuíram para coerência da narrativa. Nesta perspectiva, a linguagem, enquanto funcionamento multimodal, no qual integra gesto e fala, pode contribuir para uma melhor comunicação e significação, pois a prosódia juntamente com a fala e os gestos são considerados fatores importantes na interação.

4.3 Cena 3: Reconto da história de Branca de Neve pela criança cega

TEMPO INICIAL	TEMPO FINAL	PLANO PROSÓDICO	PLANO GESTUAL
00:00:00:00	00:00:02.600	(velocidade de fala rápida) ((era uma vez uma menina chamada Branca de neve))(+))	((realiza movimentos com as mãos pressionando uma na outra e cruza a perna esquerda na direita))
00:00:02.640	00:00:04.390	((sua madasta era muito malvada))	((realiza movimentos com as mãos apertando uma na outra e cruza e descruza a perna esquerda na direita))
00:00:04.390	00:00:09.450	((ela perguntava ao espelho: (aumento da intensidade vocal) ESPELHO, ESPELHO MEU	((realiza movimentos com a cabeça e tórax para um lado e para o outro, aperta a mão esquerda na direita e mexe os pés para cima))
00:00:09.470	00:00:14.610	(intensidade forte) ((existe alguém mais belo do que eu? Sim:: Branca de Neve))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado, para o outro e para cima e aperta com a mão esquerda os dedos da mão direita))
00:00:14.630	00:00:22.580	((ceto dia ela mandou o caçador matar Branca de Neve))	((realiza movimento rápido com a cabeça para um lado, para o outro e para cima e aperta a mão esquerda na direita))
00:00:22.700	00:00:39.860	((chegou na floresta (+):ela pediu que não matasse ela (+) o caçador teve pena dela porque ela era encantada e deixou ela lá))	((realiza movimentos com a cabeça e tórax para um lado e para o outro, cruza a mão esquerda na direita e cruza a perna esquerda na direita))
00:00:39.940	00:00:59.710	(intensidade fraca em todo fragmento) ((encontrou uma casinha bem pequenininha(+) entrou(+) fechou a porta(+))Branca de Neve comeu um pouquinho (+) bebeu o que tinha lá (+) juntou as sete camas e deitou-se))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado, para o outro e para cima em todo fragmento)) ((desliza o dedo indicador e médio sobre o sofá))

00:00:59.710	00:01:17.350	(intensidade fraca em todo turno do fragmento) ((quando os sete anões chegaram (+) abriram a porta(+))fecharam(+) abriram a porta do quarto e viu ela deitada(+)) e: e deixaram ela lá dormindo e quando ela se acordou contou a história dela))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado, para o outro e para cima e cruza a mão esquerda com a direita))
00:01:17.400	00:01:30.930	((e a bruxa disse: (intensidade forte) ESPELHO, ESPELHO MEU EXISTE ALGUÉM MAIS BELA DO QUE EU? Sim:: Branca de Neve que está na casa dos sete anões))	((realiza movimentos com a cabeça para um lado, para o outro e para cima, aperta a mão esquerda na direita e cruza a perna esquerda com a direita))
00:01:30.950	00:01:53.310	(aí ela foi lá(+)) deu a maçã para Branca de Neve e riu (tom de voz grave) HÁ HÁ HÁ (+) os sete anões voltaram do trabalho(+)) viram Branca de Neve morta(+)) botaram no caixão de vidro (+)) levaram pra lá na colina (velocidade de fala rápida) aí um príncipe passou e beijou ela	((realiza movimentos com a cabeça para um lado, para o outro e para cima e aperta as mãos uma na outra, como também franzi a testa))

Ao recontar a história de Branca de Neve, a criança cega inicia a narração de forma bem semelhante aos outros recontos, conforme observamos no enunciado verbal: {“era uma vez uma menina chamada Branca de Neve”}. Ao falar a expressão introdutória, usou os mesmos parâmetros prosódicos como velocidade de fala rápida e os mesmos movimentos com as mãos pressionando uma na outra e pernas cruzando a esquerda na direita, que acompanhavam a fala. Segundo Dohme (2013), a expressão “era uma vez” transmite o sentido de que a história acontece em tempo e lugares indeterminados, ou seja, dando oportunidade para ir e voltar a história sem compromisso.

Durante a introdução a criança cega caracteriza a personagem da rainha no papel de narrador ao falar: {“sua madasta era muito malvada”} ao realizar movimentos com as mãos ao apertá-las uma na outra e cruzar e descruzar a perna esquerda na direita.

O enredo é considerado a parte essencial, pois apresenta a sucessão dos fatos que compõe a história. Ao representar o personagem da madrasta criança aumenta a intensidade vocal ao falar {“*espelho, espelho meu*”} e ao mesmo tempo acompanhando a fala realizou movimentos com a cabeça e tórax para um lado e para o outro, apertou a mão esquerda na direita e mexeu os pés para cima, ou seja, fez gesticulações com diferentes partes do corpo, confirmando a sincronia temporal entre gesticulação e fala, conforme defende Kendon (1982) e McNeill (2000).

Durante o enredo, a criança cega representa por meio da pantomima vocal dois papéis, o da personagem rainha quando fala {“*espelho espelho meu*”} com o aumento da intensidade vocal e o personagem do espelho ao falar com a rainha “*sim:: Branca de Neve*”, dessa forma ao representar o papel do espelho a criança cega aumenta a duração da palavra “*sim*”, alongando sua emissão e aumenta a intensidade vocal.

No intervalo de tempo entre 00:00:14.630 a 00:00:22.580, a criança diz: {“*ceto dia ela mandou o caçador matar Branca de Neve*”}. Desse modo, ao utilizar na narração a expressão “**ceto dia**” a criança cega utiliza as marcas linguísticas inseridas na construção narrativa conforme observa Perroni (1999).

Durante a narrativa, ao dizer: {*chegou na floresta (+)e::ela pediu que não matasse ela (+) o caçador teve pena dela porque ela era encantada e deixou ela lá*}, a criança cega realizou movimentos variados com o corpo: mexeu a cabeça e tórax para um lado e para o outro, cruzou a mão esquerda na direita, como também cruzou a perna esquerda na direita. Essas gesticulações contribuíram para a fluência da produção verbal, conforme constatam Cavalcante e Brandão (2012) e Fonte et al (2014), como também para acompanhar uma explicação pausada e de momento de tensão da narrativa.

No tempo de 00:00:39.940 a 00:00:59.710 ao falar: {“*encontrou uma casinha bem pequenininha(+), entrou(+), fechou a porta(+), Branca de Neve comeu um pouquinho (+) bebeu o que tinha lá (+) juntou as sete camas e deitou”* }, a criança cega ocupou o papel de narrador, usando os parâmetros prosódicos: intensidade fraca para descrever as ações da personagem e pausas que segmentaram as ações narradas em todo fragmento. Além disso, quando falou “*entrou*” realizou um gesto pantomímico com o dedo indicador e médio deslizando sobre o sofá caracterizando o entrar, mostrando a importância de que a fala e os gestos se encontram integrados para produção de sentido, segundo McNeill (1985).

Ao narrar foi observado de forma notória como o ouvir a história em audiodescrição produziu sentido na narração da criança cega no momento em que ela verbaliza as ações representadas e contextualizadas pelos sons incluídos na história em audiodescrição. Ao narrar, a criança cega relatou com uma intensidade fraca: {“*os sete anões chegaram (+) abriram a porta (+) fecharam (+) abriram a porta do quarto e viu ela deitada (+) e deixaram ela lá dormindo e quando ela se acordou contou a história dela*”}. O fluxo da narrativa oral ocorreu com pausas, que intercalaram as ações sequenciais e com movimentos com a cabeça para um lado, para o outro e para cima e de cruzar a mão esquerda com a direita. Nesse contexto, gesto e fala são indissociáveis, conforme afirma McNeill (1985), e a gesticulação e o fluxo da fala estão interligados, já que o contínuo gestual acompanhou o verbal (CAVALCANTE, 2012; FONTE et al (2014).

No tempo de 00:01:17.400 a 00:01:30.930, primeiramente, a criança cega representou o papel da rainha com a produção verbal: {“*a bruxa disse: espelho, espelho meu? existe alguém mais bela do que eu?*”}. Em seguida, assumiu o papel do espelho ao responder o questionamento da rainha, ao falar: {*Sim:: Branca de Neve que está na casa dos sete anões*}. Nesse momento a criança ao representar o papel da rainha utilizou como parâmetro prosódico o aumento da intensidade vocal e ao representar o papel do espelho mostrou o aumento da duração da palavra “SIM::”. Observamos que as variações prosódicas contribuíram para diferenciar a mudança de papéis, conforme destaca Dohme (2012).

O clímax deve ser curto conceituando bem a ideia. É o momento em que o narrador deve usar de toda ênfase, entonação de voz e expressão corporal, uma vez que está chegando ao objetivo final da história no momento em que fala: {“*ai ela foi lá(+)* deu a maçã para Branca de Neve e riu *HÁ, HÁ, HÁ(+)*”. Desse modo, a criança cega ao representar o personagem da bruxa com a risada modificou a qualidade vocal, usando uma entonação mais grave. Logo, realizou uma pantomima vocal, conforme estudos de Fonte (2011) realizado com mãe e criança cega. Neste momento, realiza a expressão facial levantando a sobrancelha e os olhos.

No desfecho, a criança narra: {“*os sete anões voltaram do trabalho(+)* viram *Branca de Neve morta(+)* botaram no caixão de vidro (+) levaram pra lá na colina ai um príncipe passou e beijou ela”}. A criança utilizou velocidade de fala rápida ao concluir a história e acompanhando essa fala realizou movimentos com a cabeça para um lado, para o outro e para cima e com as mãos, ao apertá-las uma na outra.

A seguir serão apresentados quadros da síntese dos resultados, considerando a estrutura narrativa proposta por Coelho (1999) e Dohme (2010), de forma a expor os aspectos multimodais, especificamente os parâmetros prosódicos e os gestos utilizados pela criança cega ao representar o narrador e os diferentes personagens durante a narrativa oral do reconto de cada uma das histórias.

4.4 Quadros-sínteses dos resultados

QUADRO I: Plano prosódico e plano gestual no reconto da história Chapeuzinho Vermelho

Estrutura da narrativa	PAPEL	Vel. Rápida	Intens. Forte	Intens. Fraca	Pausa	↑ duração	Gesticulação	Pantomima
Introdução	Narrador							
	Personagem							
Enredo	Narrador							
	Personagem							
Clímax	Narrador							
	Personagem							
Desfecho	Narrador							
	Personagem							

Com base no quadro acima, que representa a estrutura da narrativa, na introdução, ao representa o papel de narrador, a criança cega utilizou o aspecto prosódico de velocidade de fala rápida e aumento da duração, caracterizado pelo alongamento do som associado à gesticulação na narrativa oral.

No enredo, a criança ao assumir o papel de narrador utilizou como parâmetro prosódico a intensidade forte, a pausa e a duração mais lenta juntamente com as gesticulações. Ao assumir o papel de personagem a criança cega usou também junto a essa fala os parâmetros prosódicos como variações de intensidade, pausa, aumento da duração do som simultaneamente às gesticulações.

No clímax, ao representar o papel de narrador a criança usou o aspecto prosódico de duração e pausas na sua fala. Ao representar o papel de personagem, a

criança apresentou em sua fala as variações de intensidade. No desfecho, a criança utilizou apenas a fala acompanhada da gesticulação.

QUADRO II: Plano prosódico e plano gestual no reconto no da história Os Três Porquinhos

Estrutura da narrativa	PAPEL	Veloc. de fala rápida	Intens. forte	Intens. Fraca	↑ Duração	Pausa	Gesticulação	Pantomima
Introdução	Narrador							
	Personagem							
Enredo	Narrador							
	Personagem							
Clímax	Narrador							
	Personagem							
Desfecho	Narrador							
	Personagem							

Na **introdução**, a criança assumiu apenas o papel de narrador usando velocidade de fala rápida e gesticulação enquanto aspectos multimodais.

Durante o **enredo** a criança ao representar o papel do narrador utilizou intensidade fraca, duração e pausa durante o fluxo da fala, que ocorreu associado à gesticulação. Ao assumir o papel de personagem usou a intensidade forte, pausa, gesticulações e um gesto pantomímico representado pelo batido de porta.

No **clímax** ao assumir o papel de narrador a criança utilizou apenas pausa, gesticulações e gesto pantomímico integrados ao plano verbal. Já ao representar o papel de personagem a criança utilizou a gesticulações e o gesto pantomímico enquanto simulava as vozes do lobo mal.

No **desfecho**, a criança representou apenas o papel de narrador realizando as gesticulações durante a narrativa oral.

QUADRO III: Plano prosódico e plano gestual no reconto no reconto da história de Branca de Neve

Estrutura da narrativa	PAPEL	Vel. de fala rápida	Intens. Forte	Intens. fraca	Pausa	Voz grave	↑ Duração	Gestic.	Pantomima
Introdução	Narrador								
	Personagem								
Enredo	Narrador								
	Personagem								
Clímax	Narrador								
	Personagem								
Desfecho	Narrador								
	Personagem								

Na **introdução**, a criança cega utilizou aspectos prosódicos como: velocidade de fala rápida e pausas acompanhadas de gesticulações durante a narrativa oral.

No **enredo**, ao representar o papel de narrador, a criança cega utilizou intensidade fraca, pausas e aumento da duração de palavras no plano prosódico e no plano gestual, usou gesticulações e um gesto pantomímico. Ao assumir o papel de personagem usou intensidade forte articulada as gesticulações.

No **clímax**, a criança cega representa o papel de narrador utilizando velocidade de fala rápida e pausas; e ao representar o personagem, a criança utilizou voz grave integrada às gesticulações.

No **desfecho**, a criança assumiu apenas o papel de narrador utilizando como parâmetro prosódico velocidade de fala rápida e pausas acompanhadas das gesticulações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das vivências como contadora de histórias um questionamento norteou esta pesquisa: Que recursos multimodais a criança cega utiliza em narrativas de reconto de histórias? Diante deste questionamento, o objetivo principal desta dissertação foi analisar esses recursos durante o reconto de histórias realizado por uma criança com cegueira.

Para essa investigação, apresentamos em audiodescrição três contos clássicos: Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos e Branca de Neve, para que a criança cega recontasse suas histórias. Transcrevemos os aspectos multimodais da linguagem da criança usando o software - ELAN (*Eudito Linguistic Annotador*) para análise minuciosa dos planos multimodais: verbal, prosódico e gestual, considerando o tempo inicial e final de cada parte narrada pela criança.

Ao analisar os aspectos multimodais utilizados pela criança cega durante o reconto das três histórias apresentadas, observamos semelhanças com relação à gesticulação e a fala, ou seja, que fala e gesticulação estão presentes numa única matriz da linguagem.

Na história de Chapeuzinho Vermelho, constatamos que a relação da criança com o texto narrativo mostrou aspectos multimodais como: velocidade de fala rápida ao iniciar a história com a expressão “era uma vez” e juntamente com essa fala realizava gesticulações através de movimentos variados de diferentes partes do corpo, contribuindo para fluência da fala. Ao assumir o papel de narrador, a criança cega utilizou parâmetros prosódicos variados na fala como: pausas e alongamentos da vogal para representar e descrever ações do personagem na história; velocidade de fala rápida ao iniciar, dar continuidade e ao finalizar a narrativa; junto a essa fala usou gesticulações, promovendo o fluxo da narrativa oral. Já ao assumir papéis de personagens, usou intensidade vocal fraca ao representar Chapeuzinho Vermelho, que é uma criança; e utilizou uma intensidade de fala forte ao representar o papel da avó, que é uma idosa. Essas variações prosódicas diferenciaram esses personagens da história. Foi observado também que a audiodescrição produziu sentido para criança, ou seja, o batido de porta e o fechar foram retomados pela criança no discurso narrativo.

Na história dos Três Porquinhos, ao assumir o narrador, a criança cega utilizou os parâmetros prosódicos como: velocidade de fala rápida em diferentes momentos da

narrativa, no início a história com a expressão “era uma vez” e “certo dia” com o objetivo de chamar a atenção do ouvinte; durante o enredo ao narrar a sequência de ações do lobo e no fechamento da história, por meio da expressão “e foram felizes para sempre”; além de intensidade fraca, pausas e duração, por meio do alongamento de palavras, principalmente durante o enredo da narrativa ao expor as ações dos personagens: porquinhos e lobo. Já ao assumir o personagem do lobo mal, usou intensidade forte, com o objetivo de representar um personagem vilão e com característica feroz. Desse modo, a criança usou aspectos multimodais prosódicos no papel de narrador e na representação de personagem através da variação dos parâmetros prosódicos e gesticulações com diferentes partes do corpo como: cabeça, tórax, mãos, pernas e dedos que contribuíram para fluência e foram significativos junto com a fala. Além disso, realizou a pantomima ao simular o gesto de batido de porta durante o enredo e o clímax da narrativa.

Já na história de Branca de Neve, ao narrar, a criança cega utilizou os parâmetros prosódicos como: velocidade de fala rápida ao introduzir a história com a expressão “era uma vez”, intensidade fraca e pausas simultaneamente as gesticulações com diferentes partes do corpo como: cabeça, tórax, pernas e mãos com o objetivo de promover o fluxo da fala. Especificamente em um momento do enredo ao falar a ação “entrou”, fez um gesto pantomímico, simulando com os dedos o movimento de entrar. Para assumir o papel da bruxa, usou intensidade vocal forte e o tom de voz grave, caracterizando a representação de um personagem com características más; para representar o espelho, aumentou a duração da palavra “sim”, realçando sua afirmação do contexto da história. Foi observado também, que a história ouvida em audiodescrição foi bastante significativa para criança, pois ao recontar a mesma mostrou com detalhes que a história produziu sentido ao narrar o momento do abrir e o fechar de porta.

Nesse contexto os dados mostraram que a fala com suas marcações prosódicas e qualidades vocais diversificadas e as gesticulações da criança cega no reconto da história funcionaram como recursos multimodais de produção de sentidos. Neste estudo, a prosódia foi privilegiada pela criança ao assumir diferentes papéis, seja de narrador ou de personagens.

Com base nesses resultados, confirmamos as hipóteses levantadas, ou seja, que as produções verbais e os gestos são recursos multimodais utilizados pela criança cega em narrativas de reconto de histórias e que as variações prosódicas são recursos

multimodais privilegiados utilizados pela criança cega para produzir sentidos no reconto de histórias.

Diante desses resultados, a escola e a família poderá exercer um papel consideravelmente importante, utilizando o reconto de histórias mediadas pelo uso dos recursos multimodais com crianças cegas, pois a multimodalidade permeada pela fala e a prosódia deve ser inserida no contexto da sala de aula e em ambiente familiar.

Este estudo envolveu um trabalho reflexivo, que proporciona um olhar cuidadoso e minucioso sobre o objeto de investigação: multimodalidade em narrativas de reconto de histórias de uma criança cega, levando em consideração os planos multimodais: verbal, prosódico e gestual revelados, as características e peculiaridades do sujeito participante deste estudo.

Diante dos resultados, sugerimos estudos futuros sobre um maior aprofundamento dos aspectos prosódicos através do software PRAAT introduzido dentro do ELAN e envolvendo dessa vez situações de conto e de reconto de crianças cegas no ambiente escolar para melhor ampliar os estudos.

Referências

- ÁVILA NÓBREGA, P. V. **Dialogia mãe-bebê**: a emergência do envelope multimodal em cenas de atenção conjunta. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- ORTEGA, M. Linguagem e deficiência visual. In: MARTÍN, M.; BUENO, S. (Orgs). **Deficiência visual**: Aspectos psicoevolutivos e educativos. São Paulo: Editora Ltda, 2003. p. 77-95.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: Algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 23, p.137-151, 1992.
- CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo. 19. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. **Investigações** (Recife), v. 21, p. 153-170, 2009.
- COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.
- COELHO, Nelly Novas. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- CAVALCANTE, M. **Da voz à língua: a prosódia materna o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê**. 1999. 240f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- CUNHA, A; ENUMO, S. **Desenvolvimento da criança com deficiência visual (DV) e interação mãe-criança**: algumas considerações. *Psicologia, Saúde e Doenças*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, 4 (1) 33-46 São Paulo, v. 5, n. 28, set/out., p.10-15, 1996.
- DIONISIO, A. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSWIKI, A; GAYDECZKA, B; BRITO, K. (Org). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4 ed. São Paulo: Parábola Editoria, 2011, p. 137-152
- DA FONTE, R. Fluência/Disfluência e Gesticulação: compreendendo a aquisição da linguagem de uma criança cega. **Revista Intercâmbio**, v. XXIX: 202-217, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP.

DOHME, V. A. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DOHME, V. A. **Técnicas de contar histórias**: um guia para adultos usarem as histórias como um meio de comunicação e transmissão de valores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FONTE, R. **Estratégias maternas na interação com gêmeos, cego e vidente na aquisição da linguagem**. 2006. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

_____. A subjetividade e a constituição do sujeito na relação mãe-filho cego. In: Eunice de Oliveira; Severina Sílvia Ferreira; Tereza Avellar Barreto. (Org.). **As interfaces da Clínica com Bebês**. Recife: Bagaço, 2009, p. 171 - 180

_____. **O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega**. 2011. 315f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

_____. Cenas de atenção conjunta na interação mãe/criança cega: contribuições à aquisição da linguagem. *Signótica: revista do programa de pós-graduação em Letras e Linguística*, v. 25, n.2 jul./dez. p. 393-412, 2013.

_____ ; CAVALCANTE, M. Situações dialógicas entre mãe e filho cego em aquisição da linguagem: relações de não-sintonia. In: CAVALCANTE, M.(Org.). *Multimodalidade em aquisição da linguagem*. 2010, p. 53-68.

FONTE, R. et al. A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS et al.. **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

GAYOTTO, L. H. **Voz, partitura da ação**. São Paulo: Summus, 1997, 132p.

IVERSON, J.; GOLDIN-MEADOW, S. What's Communication Got to Do With It? Gesture in Children Blind From Birth. **Developmental Psychology**, v. 33, n. 3 p. 453-467, 1997. Disponível em http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/PDF/1997/Iverson_GM1997.pdf. Acesso em: 30 jun. 2013.

_____; _____. The resilience of gesture in talk: gesture in blind speakers and listeners. **Developmental Science**, v, 4, n. 4, p. 416-422, 2001. Disponível em http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/PDF/2001/Iverson_GM2001.pdf. Acesso em: 30 jun. 2013.

KENDON, A. **The study of gesture: some remarks on its history.** *Recherchessémiotiques/semioticinquiry* 2, 1982, p. 45-62.

LAPLANE, A. ; BATISTA, C. Ver, não ver e aprender: a participação de criança com baixa visão e cegueira na escola. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 75, p. 209-227, maio/ago. 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

MCNEILL, D. Soyouthinkgestures are nonverbal? **PsychologicalReview**.v. 92(3), 1985, p. 350-371

_____. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.). **Language and Gesture.**Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 199 – 200.

OCHAITA, E.; ROSA, A. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In: COLL, C. et al(Org.). **Desenvolvimento Psicológico e educação - Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.**Porto Alegre: ArtesMédicas, 1995, p. 183-197.

OLIVEIRA, J. **Análise do uso da linguagem em crianças com deficiência visual sob uma perspectiva funcional,** 2004. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004.

PERRONI, M C. **Desenvolvimento do discurso narrativo.** São Paulo: Martins Fonte, 1992.

SCARPA, E. Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: Lamprecht, R.R. (Org). **Aquisição da Linguagem: questões e Análises,** Porto Alegre, 1999, p. 17-50.

_____. A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** Campinas, v. 46, n. 2, 2005.

_____. A aquisição da prosódia:dupla face, dupla aquisição. In: Aguiar; Madeiro (Org.) **Em-tom-ação – a prosódia em perspectiva,** ed Universitária, UFPE, Recife, 2007, p. 75-89.

SOUZA, O. S. A (Com) vivência no Mundo Da Sala de Aula: Percepções e Sentimentos de Alunos Com Deficiência Visual. In: _____ (Org.). **Itinerários da Inclusão Escolar** Canoas: Ed. ULBRA. Porto Alegre, 2008, p. 61-76.

Links Pesquisados para trilha sonora e efeitos sonoros para história

Os Três Porquinhos (Walt Disney 1933)

<https://www.youtube.com/watch?v=wRxmLmNbKRI>

Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau (Walt Disney 1943)

TRILHA SONORA

<https://www.youtube.com/watch?v=S2fJF1lR1mY>

Musica Cantada por Chapeuzinho Vermelho

Coleção Disquinho (Continental - 1960)

https://www.youtube.com/watch?v=G_sZZx3Nle4

barulho de chapeuzinho vermelho gritando

http://www.youtube.com/watch?v=86zV_pLXL2s

Branca de Neve e os Sete Anões (Walt Disney 1938)

<https://www.youtube.com/watch?v=lgjdJK60Nww>

EFEITO SONORO DE BEIJO

<http://www.youtube.com/watch?v=hwQbqHHJAQk>

EFEITO SONORO DE VIDRO QUEBRANDO

<http://www.youtube.com/watch?v=opDCIytwapw>

Efeito sonoro - Porta se abrindo e batendo

<http://www.youtube.com/watch?v=qrLfDnWk2uM>

efeito sonoro de suspense

<http://www.youtube.com/watch?v=Rv3qHtfJWDc>

efeito sonoro de tiro

<http://www.youtube.com/watch?v=14JDx1Vv3PM>

efeito sonoro de porco

<http://www.youtube.com/watch?v=chiGmat4cA0>

Músicas quem tem medo do lobo mau

<http://www.youtube.com/watch?v=wRxmLmNbKRI>

história de chapeuzinho vermelho

¹ A história adaptada para a criança cega pode ser ouvida no CD nº 1.

Trilha sonora de chapeuzinho vermelho

Link: http://www.youtube.com/watch?v=Hd_RBS3PYDk

Música de suspense instrumental

Link: <http://www.youtube.com/watch?v=Rv3qHtfJWDc>

Barulho de porta abrindo e fechando

Link: <http://www.youtube.com/watch?v=qrLfdnWk2uM>

Barulho de gritos de chapeuzinho vermelho

Link: http://www.youtube.com/watch?v=86zV_pLXL2s

Barulho de tiros

Link: <http://www.youtube.com/watch?v=14JDx1Vv3PM>

ANEXO A

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa “ Multimodalidade em narrativas de reconto de histórias: um estudo de caso de uma criança cega”.
2. Você foi selecionado (a) por apresentar cegueira e a sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição, pois caso desista de participar da pesquisa não terá nenhum dano.
5. Os objetivos deste estudo serão analisar os recursos multimodais em narrativas de uma criança cega em situações de reconto de histórias clássicas, verificar os recursos multimodais que a criança utiliza no reconto de histórias; identificar e descrever a fala, a prosódia (entoação, velocidade da fala, a voz grave ou aguda), os gestos e expressões faciais da criança cega no reconto de histórias.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em autorizar a participação e filmagem no desenvolvimento das atividades referentes ao Projeto de Pesquisa.
7. Os riscos relacionados com sua participação será você desistir no percurso do estudo ou se recusar a participar, se sentindo incomodada por saber que está sendo filmada ou desconfortável por realizar a pesquisa em seu espaço familiar.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são o estímulo a novas pesquisas relacionadas à multimodalidade e cegueira, uma vez que há uma escassez de material específico para esta área a contribuição na área de ciência da linguagem para um novo olhar em relação aos recursos multimodais que a família pode utilizar com crianças cegas proporcionando uma melhor compreensão na comunicação.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
10. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Renata Fonseca Lima da Fonte
Nome

Assinatura

Av. Conselheiro Rosa e Silva, nº 1619,
Apto 501, Aflitos, CEP: 52050-020,
Recife-PE
Endereço completo

(81) 9805-4642
Telefone

Garanhuns, _____ de _____ de 2014

Sujeito da pesquisa (*)

Pai / Mãe ou Responsável Legal (**)

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA MÃE LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

1. Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa “ Multimodalidade em narrativas de reconto de histórias: um estudo de caso de uma criança cega”.

2. Seu filho foi selecionado por apresentar cegueira e a participação dele não é obrigatória.
3. A qualquer momento seu filho pode desistir de participar e você pode retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição, pois caso desista de participar da pesquisa não terá nenhum dano.
5. Os objetivos deste estudo serão analisar os recursos multimodais (fala, gestos, expressões faciais) em narrativas de uma criança cega em situações de reconto de histórias clássicas, verificar os recursos multimodais que a criança utiliza no reconto de histórias; identificar e descrever a fala, a prosódia (entonação, velocidade de fala, a voz grave ou aguda), os gestos e expressões faciais da criança cega no reconto de histórias.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário sobre as experiências de seu filho com contação de histórias.
7. Os riscos relacionados à participação de seu filho serão a criança sentir um pouco desconfortável por saber que está sendo filmada, mas isso pode ser minimizado ao esclarecer os objetivos da pesquisa.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são o estímulo a novas pesquisas relacionadas à multimodalidade e cegueira, uma vez que há uma escassez de material específico para esta área a contribuição na área de ciência da linguagem para um novo olhar em relação aos recursos multimodais que a família pode utilizar com crianças cegas proporcionando uma melhor compreensão na comunicação.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua e a participação do seu filho (a).
10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação,
11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Renata Fonseca Lima da Fonte
Nome

Assinatura

Av. Conselheiro Rosa e Silva, nº 1619,
Apto 501, Aflitos, CEP: 52050-020,
Recife-PE
Endereço completo

(81) 9805-4642
Telefone

Recife, _____ de _____ de 2014

Sujeito da pesquisa (*)

Pai / Mãe ou Responsável Legal (**)

ANEXO B - HISTÓRIAS ADAPTADAS

CHAPEUZINHO VERMELHO

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho, que tinha esse apelido porque gostava de usar chapéus e capas desta cor. (chapeuzinho cantando)

Um dia, sua mãe pediu:

- Querida, sua avó está doente, por isso preparei aqueles doces, biscoitos, pãezinhos e frutas que estão na cestinha. Você poderia levar à casa dela?

- Claro, mamãe. A casa da vovó é bem pertinho!

- Mas, tome muito cuidado. Não converse com estranhos, não diga para onde vai, nem pare para nada. Vá pela estrada do rio, pois ouvi dizer que tem um lobo muito mau na estrada da floresta, devorando quem passa por lá.

- Está bem, mamãe, vou pela estrada do rio, e faço tudo direitinho!

E assim foi. Ou quase, pois a menina foi juntando flores no cesto para a vovó, e se distraiu com as borboletas, saindo do caminho do rio, sem perceber.

(Músia lá, lá, lá) Cantando e juntando flores, Chapeuzinho Vermelho nem reparou como o lobo estava perto...

Ela nunca tinha visto um lobo antes, menos ainda um lobo mau. Levou um susto quando ouviu:

- Onde vai, linda menina?(Voz de lobo)

- Vou à casa da vovó, que mora na primeira casa bem depois da curva do rio. E você, quem é?

O lobo respondeu:

- Sou um anjo da floresta, e estou aqui para proteger criancinhas como você.

- Ah! Que bom! Minha mãe disse para não conversar com estranhos, e também disse que tem um lobo mau andando por aqui.

- Que nada - respondeu o lobo - pode seguir tranquila, que vou na frente retirando todo perigo que houver no caminho. Sempre ajuda conversar com o anjo da floresta.

- Muito obrigada, seu anjo. Assim, mamãe nem precisa saber que errei o caminho, sem querer.

E o lobo respondeu:

- Este será nosso segredo para sempre...

E saiu correndo na frente, rindo e pensando(BARULHO DE PASSOS RÁPIDO)

Chegando à casa da vovó, Chapeuzinho bateu na porta(SOM DE BATIDA DE PORTA)

- Vovó, sou eu, Chapeuzinho Vermelho!

- Pode entrar, minha netinha. Puxe o trinco, que a porta abre.(SOM DE PORTA SE ABRINDO)(SOM DE TRANCA SENDO PUXADA)

A menina pensou que a avó estivesse muito doente mesmo, para nem se levantar e abrir a porta. E falando com aquela voz tão estranha...

Chegou até a cama e viu que a vovó estava mesmo muito doente. Se não fosse a touquinha da vovó, os óculos da vovó, a colcha e a cama da vovó, ela pensaria que nem era a avó dela.

- Eu trouxe estas flores e os docinhos que a mamãe preparou. Quero que fique boa logo, vovó, e volte a ter sua voz de sempre.

- *Obrigada, minha netinha* (disse o lobo, disfarçando a voz de trovão).

Chapeuzinho não se conteve de curiosidade, e perguntou:

- Vovó, a senhora está tão diferente: por que esses olhos tão grandes?

- *É prá te olhar melhor, minha netinha.*

- Mas, vovó, por que esse nariz tão grande?

- *É prá te cheirar melhor, minha netinha.*

- Mas, vovó, por que essas mãos tão grandes?

- *São para te acariciar melhor, minha netinha.*

- Mas, vovó, por que essa boca tão grande?

- ***Quer mesmo saber? É prá te comer!!!!***

- Uai! Socorro! É o lobo!

A menina saiu correndo e gritando, com o lobo correndo bem atrás dela, pertinho, quase conseguindo pegar.(SOM DE PASSOS CORRENDO E SUSPIROS)

Por sorte, um grupo de caçadores ia passando por ali bem na hora, e seus gritos chamaram sua atenção.

O lobo os viu e saiu correndo e nunca mais voltou ali.

- Viva! Vovó!

Música: (QUEM TEM MEDO DE LOBO MAU, LOBO MAU...)

FIM

OS TRÊS PORQUINHOS

Em uma fazenda distante morava uma família de porquinhos. (barulho de porquinhos roncando)VOLUME DO RONCO

Um dia, Dona Porca (barulho de uma porca roncando) chamou seus três filhotes e falou:

- A fazenda está à venda, por isso quero que vocês fujam daqui para bem longe, onde estarão em segurança.(música de suspense)

Os porquinhos (barulho de porquinho triste roncando) disseram que sentiriam saudades da mãe, mas Dona porca disse que sempre os guardariam em seu coração.

Ela pegou o dinheiro do seu cofrinho(barulho de pratas no cofre) e dividiu entre os três irmãos e falou:

- Isso é para vocês começarem a vida, agora é hora de ir!

Os três porquinhos partiram juntos (barulho de porquinho roncando) e foram procurar uma loja a fim de comprar o necessário para construir suas casinhas.

O porquinho mais novo, que adorava brincar, foi logo dizendo:

- (barulho de porquinho roncando) Quero muita palha para fazer minha casinha, desta forma vai sobrar um dinheirinho para comprar muitos brinquedos (barulho de porquinho roncando), muitos brinquedos eu vou comprar (barulho de porquinho roncando).

O vendedor disse ao porquinho que uma casinha de palha não era segura, mas ele nem ligou.

O segundo porquinho pediu madeira para fazer sua casinha para que sobrasse dinheiro e ele pudesse gastar com docinhos. (barulho de porquinho HUM HUM)

Já o porquinho mais velho comprou cimento, tijolo e ferro. Construiu uma casa bem forte, gastando muito mais que seus irmãos.

Logo, logo um lobo mau (voz ou risada de lobo) que morava naquela região ficou sabendo dos três porquinhos e pensou:

- Oba! Terei leitão para o jantar. (som de hum representando coisa gostosa)

O lobo procurou, procurou, até que encontrou a casinha de palha e foi logo gritando:

Abra a porta(BATIDA NA PORTA), se não a casa vai para os ares.

Não abro não, lobo malvado! Respondeu o porquinho.

Então o lobo soprou bem forte (som de sopro) e a casinha de palha foi ao chão (som de casa de palha caindo). O porquinho (barulho de porquinho roncando) saiu correndo para buscar abrigo na casinha de madeira. O lobo foi atrás soprou bem forte (som de sopro) e também derrubou a casinha. (som de casa de madeira sendo derrubada)

Os porquinhos então correram para casinha de tijolos. O lobo chegou logo atrás e já foi falando:

Abram a porta, (BATIDA NA PORTA), se não derrubo esta casa também!

Como os porquinhos ficaram calados o lobo estufou o peito(som estufando o peito de ar) e assoprou bem forte (som de sopro forte) e a casinha continuou em pé. O lobo continuou assoprando(som de sopro forte) até ficar cansado (som de lobo cansado) e a casa nem balançava.

Então o lobo resolveu entrar pela chaminé.

(som de lobo gritando ai, ai, ai) gritou ele ao cair dentro de um caldeirão com água fervendo (barulho de água borbulhando)

Morrendo de vergonha, o lobo foi embora e nunca mais apareceu.

Os três porquinhos cantavam de tanta alegria.

Quem tem medo do lobo mau. Lobo mau.

quem tem medo do lobo mau, lá, lá, lá (Música)

FIM

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Era uma vez uma linda princesa chamada Branca de Neve.

A linda princesa morava com sua madrasta que era vaidosa e orgulhosa. (risada de bruxa)

A madrasta malvada sempre perguntava ao espelho mágico: (barulho de espelho)

- Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?

O espelho sempre respondia que não.

Um certo dia, quando a Branca de Neve completou sete anos e a resposta do espelho foi diferente.

O espelho respondeu que a Branca de Neve era muito mais bonita.

A madrasta(risada de bruxa) ficou com muita raiva de Branca de Neve e mandou um caçador levar Branca de Neve à floresta para matá-la. A menina pediu muito ao caçador que a deixasse viver.

Como era encantadora, o caçador ficou com muita pena da princesa e deixou fugir pela floresta. (música de suspense)

Branca de Neve andou pela floresta assustada sem saber para onde ir. (barulho de passos e suspiros de cansaço)

Ao descer(passos cansaço) a montanha avistou uma casinha pequena na qual decidiu entrar para descansar. Tudo na casa era muito pequeno e como estava cansada, com fome e sede, Branca de Neve aproveitou para comer e beber um pouco do que tinha na casa e como tudo era pequeno até as camas teve que juntar para dormir um pouco.

Mais tarde os donos da casa voltaram. (anões cantando eu vou , eu vou para casa agora eu vou para timbum...)

Era os sete anões. Quando entraram,(barulho de porta abrindo) perceberam que alguém havia entrado na casa.

Ao entrarem no quarto(barulho de porta e passos) perceberam que uma linda moça dormia nas sete camas. Ficaram encantados e deixaram-na dormindo.

Quando acordou, Branca de neve contou a sua triste história e os sete anões deixaram a princesa ficar morando com eles. (música triste de fundo)

Enquanto isso, a madrasta malvada(risada de bruxa) perguntava ao espelho quem era a mais bonita e o espelho respondeu que Branca de neve ainda era a mais bonita e que estava morando na casa dos sete anões.

Então a madrasta resolveu se disfarçar de camponesa e foi até a casa dos sete anões oferecer uma maçã envenenada. Branca de Neve comeu a maçã e morreu.

Quando os sete anões voltaram do trabalho cantando (eu vou, eu vou para casa agora eu vou parala TIM bum) , ficaram tristes ao verem Branca de Neve morta(anões chorando). Os anões colocaram ela em um caixão de vidro e a levaram ao topo da colina.(barulho dos anões levando a princesa)

Muitos dias depois, um príncipe muito bonito passava por lá e ao vê-la se apaixonou, deu um beijo(barulho de beijo) e Branca de Neve reviveu(suspiro). O príncipe levou Branca de Neve para o castelo, onde se casaram e foram felizes para sempre.

FIM

ANEXO C

ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA

Você tem o hábito de contar histórias para sua filha?

Costuma comprar livros infantis?

Sua filha conta e ouvi histórias?

Que recursos sua filha utiliza ao recontar histórias?

Qual história sua filha mais gosta de ouvir?